

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

*“O Estágio Curricular segundo a percepção
dos enfermeiros assistenciais de um
hospital de ensino”*

Elaine Emi Ito

Orientadora: Profa. Dra. Regina Toshie Takahashi

São Paulo

2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Elaine Emi Ito

*“O Estágio Curricular segundo a percepção dos
enfermeiros assistenciais de um hospital de
ensino”*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Orientação Profissional de Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Toshie Takahashi

São Paulo

2005

Dedicatória

A vida nos apresenta encontros e despedidas. E uma destas tristes despedidas, subitamente marcou com lágrimas e sofrimento o início da trajetória deste estudo. Suas lembranças e seus ensinamentos se fazem presente na finalização deste trabalho e em toda a minha vida.

*Dedico a concretização deste trabalho ao meu querido pai, **Kamegiro Ito** (in memorian), exemplo de pessoa batalhadora, que sempre incentivou os estudos, ensinou-nos a seguir em frente com honestidade, simplicidade e luta constante, que nunca mediu esforços para dar o melhor para os seus filhos. À ele dedico minha terna e profunda gratidão por tudo que sou e conquistei.*

Agradecimentos Especiais

*À minha mãe, **Emília**, a pessoa que mais amo, por toda a sua dedicação aos seus filhos, pela sua compreensão, pelo seu amor e carinho dispensados, pelo apoio contínuo em nossas vidas e em todo o desenvolvimento deste trabalho...*

*Aos meus irmãos, **Gilson e Marcelo**, eu compartilho com vocês mais esta conquista. Vocês sabem o quanto é importante mantermos sempre a união e o amor em nossa família...*

*Ao **Raul**, a pessoa que escolhi para compartilhar momentos de alegria e de tristeza, de conquistas e de obstáculos. Que muito contribui para o meu crescimento pessoal e profissional. Sou muito grata por tê-lo ao meu lado, por ser meu refúgio e minha fortaleza.*

*À Professora Doutora **Regina Toshie Takahashi**, que depositou em mim a confiança de mais um trabalho. Meu eterno e especial agradecimento pela oportunidade de aprendizado, por todo o carinho e atenção, pelo apoio constante e incentivo de sempre caminhar em busca do conhecimento.*

*À **Odete Gazzi**, que sem sombra de dúvidas contribuiu efetivamente na concretização deste sonho, com suas palavras precisas e ensinamentos frutíferos de vida e profissão. Agradeço imensamente pela confiança, pelo incentivo e apoio em toda a minha trajetória profissional.*

*Aos **Enfermeiros** do Hospital Santa Marcelina que participaram deste estudo, que apesar de toda a correria, se disponibilizaram para oferecer a essência deste trabalho que foram as suas significativas percepções. Muito obrigada pela valiosa contribuição de todos.*

*Aos amigos, colegas de trabalho, **Flavia Lilalva e Cleber Leôncio**, que sempre incentivaram e apoiaram para a realização deste estudo. Agradeço por nós crescermos juntos nessa árdua e satisfatória tarefa de realizarmos Educação Continuada aos profissionais de enfermagem.*

*À **Ir. Rosane Ghedin**, Diretora Presidente da Instituição, por permitir a realização deste estudo, depositar a confiança e valorizar o trabalho desenvolvido pelo Serviço de Educação Continuada.*

*Às Professoras Doutoras **Maria Madalena Januário Leite e Maria de Fátima Prado Fernandes** que contribuíram com suas importantes considerações no Exame de Qualificação.*

*Aos professores e funcionários do **Departamento de Orientação Profissional (ENO)**, que sempre demonstraram acolhimento e atenção, desde a época da graduação.*

*Aos funcionários da Biblioteca da EEUSP, em especial à **Nadir Aparecida Lopes**.*

*À **Áurea**, grande amiga de todas as horas, que participou e incentivou na concretização de mais este sonho. Sou muito grata pela sua amizade!*

*À todos os meus **amigos**, tão importantes e fundamentais na minha vida, que foram o ponto de equilíbrio nos momentos estressantes e mais difíceis, oportunizando momentos de alegria e de descontração.*

*E por fim, meu agradecimento especial à **Deus**, que com certeza iluminou a caminhada e deu forças e otimismo para continuar em busca do crescimento profissional e pessoal, acreditando que somos capazes de vencer os obstáculos inesperados que a vida nos coloca e conciliar todas as nossas atividades (trabalho, estudo, família, amigos...).*

SUMÁRIO

Lista de Quadros	
Resumo	
Abstract	
1. Apresentação	1
2. Introdução	
2.1. A evolução histórica do ensino de enfermagem no Brasil	6
2.2. Os aspectos históricos, legais e conceituais dos estágios desenvolvidos no curso de graduação em enfermagem	14
2.3. O processo ensino - aprendizagem do aluno de graduação em enfermagem em campo de estágio	26
3. Objetivos	33
4. Trajetória Metodológica	34
4.1. Natureza do Estudo	34
4.2. Local do Estudo	35
4.3. Sujeitos Participantes do Estudo	36
4.4. Instrumento para Coleta de Dados	37
4.5. Avaliação do Instrumento	37
4.6. Procedimentos Éticos	38
4.7. Procedimentos para Coleta de Dados	39
4.8. Análise dos Depoimentos	40
5. Apresentação e Discussão dos Resultados	
5.1. Caracterização dos Entrevistados	44
5.2. Apresentação e Discussão dos Dados obtidos nas Entrevistas	49
6. Considerações Finais	79
7. Referências Bibliográficas	87
Anexos	93

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.	Distribuição dos enfermeiros assistenciais segundo a idade, sexo, tempo de formado, tempo de atuação na Instituição na função de enfermeiro, unidade do estágio e realização de cursos de Pós – Graduação. São Paulo, 2005.....	45
Quadro 2.	Distribuição dos enfermeiros segundo a experiência em docência, atividade exercida enquanto docente e a frequência que receberam alunos de enfermagem em Estágio Curricular. São Paulo, 2005.....	47
Quadro 3.	Percepção dos enfermeiros sobre o seu papel na formação dos alunos de graduação em enfermagem durante os Estágios Curriculares. São Paulo, 2005.....	51
Quadro 4.	A influência do aluno de graduação em enfermagem em Estágio Curricular na unidade onde realiza o estágio. São Paulo, 2005.....	56
Quadro 5.	Percepção dos enfermeiros quanto os fatores facilitadores para o desenvolvimento das atividades na unidade com a presença do aluno em Estágio Curricular. São Paulo, 2005.....	59
Quadro 6.	Percepção dos enfermeiros quanto os fatores dificultadores para o desenvolvimento das atividades na unidade com a presença do aluno em Estágio Curricular. São Paulo, 2005.....	63
Quadro 7.	A estrutura do Estágio Curricular na percepção dos enfermeiros. São Paulo, 2005.....	68
Quadro 8.	Sugestões para o desenvolvimento do Estágio Curricular no contexto hospitalar. São Paulo, 2005.....	72
Quadro 9.	A percepção dos enfermeiros sobre o recebimento e a preparação para acompanhar os alunos de enfermagem em Estágio Curricular. São Paulo, 2005.....	77

RESUMO

Ito EE. “O Estágio Curricular segundo a percepção dos enfermeiros assistenciais de um hospital de ensino”. São Paulo. 2005. p. 98 Dissertação para obtenção do título de Mestre. Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo.

O estudo tem como tema a percepção dos enfermeiros assistenciais sobre os Estágios Curriculares do curso de graduação em Enfermagem desenvolvidos nas unidades de trabalho de um hospital de ensino. O objetivo geral da pesquisa foi conhecer as percepções do enfermeiro assistencial em relação ao Estágio Curricular desenvolvido em sua unidade de trabalho e os objetivos específicos foram: conhecer a percepção dos enfermeiros assistenciais em relação ao seu papel na formação dos alunos em Estágio Curricular; conhecer a influência que os alunos trazem para a unidade de trabalho onde se realiza o referido estágio; identificar os fatores que facilitam e dificultam nas atividades diárias do enfermeiro com a presença dos alunos em estágio; conhecer a percepção dos enfermeiros em relação a estrutura do estágio e sugestões de aprimoramento para o desenvolvimento desta disciplina em ambiente hospitalar e contribuir para o aprimoramento no desenvolvimento de estágios realizados em instituições de saúde. No estudo, denominamos o “*Estágio Curricular*” como a última disciplina que o aluno desenvolve no curso de graduação em Enfermagem, oferecida no último semestre do curso, possui uma carga horária abrangente e tem o acompanhamento e a supervisão indireta do docente responsável pela disciplina e o aluno fica em contato direto e constante com o enfermeiro assistencial da unidade a qual realiza o estágio. Com relação ao delineamento metodológico, tratou-se de um estudo exploratório, descritivo e com abordagem qualitativa. A pesquisa foi desenvolvida em uma instituição hospitalar caracterizada como hospital de ensino, filantrópico, geral, localizado no município de São Paulo. Os sujeitos do estudo foram 12 enfermeiros assistenciais

que acompanharam alunos em Estágio Curricular. Os dados foram coletados por meio de entrevista utilizando um roteiro norteador contendo questões abertas, estas foram gravadas e transcritas na íntegra. A técnica utilizada para inferência sobre os resultados foi baseada na análise de conteúdo de Bardin (1977). Os resultados desse estudo revelaram que a maioria dos enfermeiros assistenciais reconhece o seu papel de educador na formação dos alunos de enfermagem nos Estágios Curriculares. Os enfermeiros consideram que os alunos trazem uma influência positiva para as unidades onde se realiza o estágio, principalmente no aspecto da introdução de novos conhecimentos para os profissionais e para o setor. Os entrevistados expressam também que tanto para os fatores que facilitam como para os fatores que dificultam o desenvolvimento das atividades do enfermeiro na unidade com a presença do aluno, é relatada a questão da importância da característica deste aluno. Na percepção da maioria dos enfermeiros a estrutura do estágio está adequada, porém sugerem algumas ações para o aprimoramento no desenvolvimento da disciplina em unidades hospitalares. Acreditamos que este estudo despertou para a reflexão da importância do entrosamento e participação efetiva de todos os atores envolvidos no processo de formação do profissional de enfermagem, ou seja, do docente, do aluno e do enfermeiro assistencial, especialmente no desenvolvimento da disciplina do Estágio Curricular. Tal fato, certamente, possibilitará um ensino de qualidade cada vez melhor e uma maior interação ensino/serviço.

Palavras-Chave: Enfermeiros Assistenciais; Ensino de Enfermagem; Estágio Curricular.

ABSTRACT

Ito EE. “The Training Hospital Nurses’ perception about Curriculum Period of Training”. São Paulo. 2005. 98 p. Dissertation of master degree. Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo.

The theme of the study is the hospital nurses’ perception about Curriculum Period of a Undergraduate Nursing Course developed in the work unities of a Training Hospital. The general objective of the research was to know the hospital nurses’ perceptions regarding to the Curriculum Period of Training developed in their work unity and the specific objectives were: to know the hospital nurses’ perception regarding their role in the Curriculum Period of Training students training; to know the influence that the students bring to the work unity where is accomplished the reported training; to identify the factors that make easy and make difficult the nurse diary activities with the presence of the students in training; to know the nurses’ perception regarding the training structure and improvement suggestions for this discipline development in a hospital and to cooperate for the improvement of training development accomplished in health institutions. In the study, we denominate the “**Curriculum Period of Training**” as the last discipline that the student develop in the Undergraduate Nursing Course, offered in the last semester of the course, it has a broad schedule and indirect attendance and supervision of the teacher responsible for the discipline and the student keep direct and constant contact with the hospital nurses’ of the unity where he accomplishes the training. Regarding the methodological outline, it was an exploratory study, descriptive with qualitative boarding. The research was developed in a hospital distinguished as a teaching hospital, philanthropic, general and located in Sao Paulo city. The subjects of the study were 12 social nurses which followed students in Curriculum Period of Training. The data were collected by interview using a guide containing open questions, which were recorded and transcribed in totality. The technique used to infer the results was based on the Bardin (1977) content analysis. The results of this study revealed that most of the hospital nurses’ recognize their role as educator of the Nursing

students' training in the Curriculum Period of training. The nurses consider that the students bring positive influence for the unities where the training is accomplished, mainly regarding the introduction of new knowledge for the professionals and for the sector. The interviewed ones also express that either for the factors that make easy or for the factors that make difficult the nurse activities development in the unity with the student presence, it is mentioned the importance of this student characteristic. According to the most of the nurses' perception the training structure is suitable; however, they suggest some actions for the discipline development improvement in hospital unities. We believe that this research achieved a thought about the importance of the involvement and effective participation of all the actors involved in the nursing professional training process, which means, the teacher, the student and the hospital nurses', especially for the discipline development of Curriculum Period of Training. Such fact, certainly, will make possible a teaching of quality much better and more interactive education/service.

Key words: Hospital Nurses'; Nursing Teaching; Curriculum Period of Training

1. Apresentação do Tema e Justificativa do Estudo

Considero, desde a época da graduação, o momento do Estágio Curricular um procedimento didático pedagógico importante na formação profissional o qual propicia ao aluno participar, vivenciar e acompanhar situações reais das atividades da enfermagem e da prática do enfermeiro.

Esse estágio oferece a oportunidade para o aluno aplicar na prática o conteúdo teórico adquirido ao longo do curso, aprimorar habilidades e técnicas, além de vivenciar os processos de relações interpessoais, presenciar dificuldades e conflitos nas unidades de trabalho, identificar a política institucional e contextualizá-la às políticas de saúde e de economia atuais do país, desenvolver a reflexão e a consciência crítica situacional.

No estudo, denominamos o “*Estágio Curricular*” como a última disciplina que o aluno desenvolve no curso de graduação em Enfermagem. Possui uma carga horária abrangente, tem o acompanhamento e a supervisão indireta do docente responsável pela disciplina e o aluno fica em contato direto e constante com o enfermeiro da unidade onde realiza este estágio.

Quando o aluno realiza a disciplina Estágio Curricular, considera-se que foi proporcionado à ele todo o conteúdo teórico e prático do curso de graduação em Enfermagem desenvolvido nas disciplinas anteriores. Difere-se dos outros estágios que são realizados nos semestres anteriores do curso de graduação como um complemento prático das disciplinas teóricas, muitas vezes, denominado como aula prática ou ensino clínico em que o docente se responsabiliza por no máximo dez estagiários e permanece constantemente com o aluno no campo de estágio.

O processo de supervisão do aluno, durante o Estágio Curricular, ocorre sob a coordenação docente e com a efetiva participação dos enfermeiros do serviço onde se realiza o referido estágio. Fortes (2001).

Nesta experiência o contato e compromisso do enfermeiro assistencial “é diferente daquele em experiências de outros semestres anteriores como aulas práticas e da supervisão direta do professor”. Backes (1999, p.199).

Segundo Amantéa (2004), a proposta do Estágio Curricular é inovadora e supera em muitos aspectos as propostas de estágios anteriores, pois tem como peculiaridade inserir o aluno dentro da realidade para que ele possa vivenciar as atividades do profissional enfermeiro num contexto histórico, político, social, cultural e financeiro, com a tutoria do professor e a supervisão do enfermeiro assistencial, levando o aluno a construção de conhecimentos, habilidades e valores em articulação com a realidade e com a equipe de enfermagem e de saúde.

Encontramos a disciplina do Estágio Curricular com denominações diferenciadas nas escolas de graduação em Enfermagem. Há escolas que denominam como “Estágio Curricular Supervisionado”, “Estágio Curricular”, “Estágio Pré – Profissional”, no entanto, os objetivos e as propostas de desenvolvimento da disciplina são semelhantes e esperam uma participação efetiva do enfermeiro assistencial, presente nas unidades onde se realiza o referido estágio, na formação do futuro profissional enfermeiro como é proposto pela Resolução CNE/CES n.3 de 7/11/2001 que contempla em seu Art. 7º os aspectos referentes ao Estágio Curricular.

É importante destacar que a disciplina de Estágio Curricular não substitui os outros estágios específicos de cada disciplina, que é previsto como atividade complementar desenvolvido para implementação do conteúdo teórico dado em sala de aula.

Segundo Andrade (1989), ao contrário do Estágio Curricular, a aula prática ou ensino clínico, acompanha a parte profissionalizante do ensino de enfermagem, podendo ser visto como um recurso pedagógico, que reflete a aplicação do conteúdo teórico, visando, sobretudo, o desenvolvimento de destrezas manuais e a implementação dos conhecimentos obtidos ao longo da disciplina.

O Estágio Curricular vai além dos objetivos propostos pelas aulas práticas desenvolvidas como complemento das disciplinas, pois deseja oportunizar ao aluno uma experiência “*pré-profissional*”, ou seja, do aluno vivenciar o desempenho das atividades do profissional enfermeiro, com a orientação do docente responsável e acompanhamento do enfermeiro assistencial em uma realidade histórica e concreta. Backes (1999).

A autora complementa ainda que o Estágio Curricular possibilita ao aluno vivenciar esta experiência como se fosse seu primeiro emprego como enfermeiro, aprendendo a negociar e desenvolver projetos, ter oportunidade de se expressar, desenvolver o relacionamento inter-pessoal, estimular as trocas de experiências entre o meio acadêmico e a área assistencial, proporcionar interações entre profissionais e alunos, desenvolver habilidade técnica e aprimorar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso.

As concepções acerca da dimensão que pode ser e merece ser estabelecida, confere ao Estágio Curricular uma oportunidade ímpar de inter-relacionamento entre a teoria e a prática, estreitamento do vínculo da docência e do serviço, conhecimento da realidade em que está inserido e suas características sociais, econômicas, políticas e culturais. Backes (1999).

Diversos autores apontam a importância dos estágios na formação profissional e pessoal dos profissionais de enfermagem, para o desenvolvimento de atitudes, comportamentos e habilidades, para a interação com a equipe multiprofissional de saúde, familiares e pacientes e principalmente, para a possibilidade de analisar crítica e reflexivamente as interfaces do conhecimento teórico e prático. Tetila (1984), Andrade (1989), Bousso (2000), Valsechi (2002).

E, para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem do aluno de enfermagem em campo de estágio, é importante que a instituição de ensino estabeleça previamente os objetivos, aspirações, necessidades e possibilidades, o planejamento dos recursos utilizados, o local da prática e de todos os elementos envolvidos neste processo educativo.

O enfermeiro e toda equipe multiprofissional de saúde atuante no campo da prática devem estar orientados sobre os objetivos do estágio e receber

esclarecimentos do que se pretende abordar e proporcionar ao aluno naquele contexto da prática.

O enfermeiro assistencial tem efetiva participação e papel fundamental no processo de aprendizagem do aluno que desenvolve o Estágio Curricular em sua unidade de trabalho, pois ele será uma referência importante de trabalho, o facilitador e o intermediador da integração do aluno ao serviço e à equipe de saúde, muitas vezes o exemplo do profissional enfermeiro, e para tanto, é necessário que esteja preparado e seguro para transmitir a sua experiência, a qual permitirá ao aluno assimilar os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula com a prática que está sendo vivenciada em campo de estágio. Bousso (2000).

O “*enfermeiro assistencial*” denominado nesta pesquisa, refere-se ao enfermeiro atuante no campo da prática, o qual desenvolve diversas atividades em sua unidade de trabalho dentre elas a participação na formação e desenvolvimento do aluno em Estágio Curricular.

Atualmente, exerço a função de enfermeira do Serviço de Educação Continuada de uma Instituição reconhecida como Hospital de Ensino, que oferece campo de estágios a alunos dos cursos de Enfermagem e de outros cursos nas áreas da saúde. Considero que a responsabilidade da qualidade da formação dos enfermeiros e demais profissionais de enfermagem não é só dos órgãos formadores, mas também das instituições prestadoras de assistência à saúde que recebem alunos em estágios e, principalmente, do profissional enfermeiro atuante no campo da prática.

Visto que o estágio é um momento de suma importância no processo de formação profissional e pessoal do aluno de enfermagem e que o enfermeiro atuante no campo da prática tem significativa influência no desenvolvimento de habilidades, técnicas e atitudes do estagiário, e percebendo, após a exploração de materiais de pesquisa e estudo sobre o tema, a quantidade escassa de publicações referente aos estágios de enfermagem e a percepção dos enfermeiros assistenciais na formação dos alunos de graduação em enfermagem durante os estágios, acreditamos que esta pesquisa possa contribuir para o aprimoramento no

desenvolvimento da disciplina Estágio Curricular desenvolvidos em instituições que prestam serviços de saúde à população e na formação do enfermeiro.

Para compreendermos melhor a importância e o desenvolvimento dos estágios nos cursos de Enfermagem, foi realizado um resgate histórico da evolução do ensino de graduação em Enfermagem no Brasil, relatado os conceitos de estágios e sua inserção no contexto da evolução do ensino de enfermagem abordando aspectos históricos e legais dos estágios e, por fim, complementamos a introdução deste estudo, com a abordagem do processo ensino – aprendizagem do aluno de graduação em Enfermagem em campo de estágio afim de relatar todos os personagens envolvidos no contexto deste processo.

2. Introdução

2.1 A evolução histórica do ensino de enfermagem no Brasil

O ensino de enfermagem no país passou por várias fases de desenvolvimento e estruturação ao longo dos anos, sendo reflexo do contexto histórico da enfermagem e da sociedade brasileira. Conseqüentemente, o processo e o mercado de trabalho dos enfermeiros apresentam significativas mudanças em decorrência das transformações no quadro político-econômico-social da educação e da saúde no Brasil e no mundo.

Houve a necessidade de mudanças no ensino de enfermagem de acordo com as exigências encontradas em cada época. As mudanças em nossa sociedade e nas políticas de saúde são fatores determinantes para a construção do ensino de enfermagem e formação de profissionais engajados na realidade. Fuszard (1989).

Pelo fato da prática do enfermeiro estar atrelado estritamente as transformações nas áreas sociais, econômicas, políticas, culturais e educacionais, faz-se necessário compreendermos o desenvolvimento do contexto histórico da formação do enfermeiro no Brasil, sua profissionalização e a evolução dos diferentes currículos de graduação da enfermagem.

Carvalho (1972) e Germano (1993) afirmam que a enfermagem profissional no Brasil teve início em 1890, com a criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras do Hospital Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, onde os requisitos para admissão eram saber ler e escrever corretamente e conhecer aritmética elementar. Essa escola tinha como objetivo formar pessoas para atuar, inicialmente, nos hospitais civis e militares e, posteriormente, nas áreas de saúde pública. O curso tinha duração mínima de dois anos, determinada pelo Decreto n.º 791, em 27 de setembro de 1890, e o currículo centrado nos aspectos básicos da assistência hospitalar, predominantemente curativa, sem fazer referência a duração e condições da prática.

Considera-se, entretanto, que a Enfermagem Moderna no Brasil foi introduzida em 1923, no Rio de Janeiro, mediante a organização do serviço de enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), então dirigida por Carlos Chagas. Galleguillos (2001).

O ensino sistematizado da Enfermagem Moderna tinha como propósito formar profissionais que garantissem o saneamento urbano, condições necessárias à continuidade do comércio internacional, que se encontrava ameaçado pelas epidemias. Essa capacitação estava a cargo de enfermeiras norte-americanas da Fundação Rockefeller, enviadas ao Brasil com o intuito de organizar o serviço de enfermagem de saúde pública e dirigir uma escola de enfermagem. Esta foi criada em 1922, mas iniciou seu funcionamento em 1923, com o nome de Escola de Enfermagem do DNSP. Em 1926, passou a ser designada Escola de Enfermagem Anna Nery e, em 1931, Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Carvalho (1972), Galleguillos (2001).

A Escola Anna Nery passou a ser considerada “Escola Oficial Padrão” pelo Decreto n.º 20109/31 à qual todas as demais escolas de enfermagem deveriam igualar-se ao seu programa de ensino e funcionar nos mesmos moldes para poderem diplomar seus alunos. Para ingressar na escola, o candidato tinha que atender entre outros critérios, a exigência de ter concluído o curso normal ou equivalente. Ferrari (2002).

Apenas em 1949, com a promulgação da Lei n.º 775, é que o ensino de enfermagem no país foi regulamentado. O reconhecimento das escolas passou a ser feito pelo Ministério da Educação e Saúde, e não pela equiparação à Escola Anna Nery; o curso deveria ter duração de trinta e seis meses; exigindo o nível secundário completo como requisito para admissão (embora tenha sido determinado um período de sete anos de carência para cumprimento dessa determinação, prorrogado depois por mais cinco anos pela Lei n.º 2.995/56); somente enfermeiras diplomadas passam a ser diretoras de escolas e responsáveis pelas disciplinas profissionais; houve ampliação do conteúdo teórico do currículo; e a obrigatoriedade de estágios. Gabrielli (2004).

Em 1949 ocorre também a primeira modificação curricular das escolas de enfermagem. O novo currículo dava ênfase ao ensino das ciências psico-sociais e recomendava a utilização de novos métodos de ensino, focalizando o ensino clínico como o fundamental. Carvalho (1972).

Lima (1994) diz que o currículo de 1949 refletia um ensino voltado para a prática hospitalar para atender ao mercado de trabalho da época.

De 1949 a 1961, o ensino de enfermagem esteve entre o nível médio e superior. Somente em 1961 expirou no Brasil o prazo que permitia o ingresso de candidatos nas escolas de enfermagem com nível de escolaridade de primeiro grau. Lima (1994), Gabrielle (2004).

O ano de 1961 representou um marco para a enfermagem, pois a colocou efetiva e definitivamente no nível superior, ano também da promulgação da primeira Lei n.º 4024/61, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB/61. Carvalho (1972), Oguisso (1976). O ensino de enfermagem, que até então obedecia a legislação específica, passa a ser definido pelas diretrizes nacionais, e o Conselho Federal de Educação passa a decidir sobre a duração e o currículo mínimo dos cursos superiores.

De acordo com as atribuições conferidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB/61, o Conselho Federal de Educação fixou para os Cursos de Graduação em Enfermagem, o currículo mínimo regulamentado pelo Parecer 271/62, elaborado a partir da colaboração da Comissão de Peritos em Enfermagem, Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) e de dezenove diretoras de escolas do país, que corrigia a excessiva fragmentação do currículo anterior. Carvalho (1972), Oguisso (1976).

Embora contrário às expectativas da maioria das educadoras enfermeiras da época e pela ABEN, pelo Parecer 271/62 houve uma redução do ensino de enfermagem de quatro para três anos, introduzindo as especializações num quarto ano optativo. Foi excluída do currículo a disciplina de Enfermagem em Saúde Pública, passando esta para o nível de especialização e incluindo a Administração como parte do currículo mínimo. Esse currículo favorecia as

exigências do mercado de trabalho que privilegiava a assistência ao doente, o desenvolvimento de técnicas e os aspectos administrativos. Carvalho (1972), Germano (1993).

Concomitantemente em que ocorria o movimento pelo aumento da duração do curso de Graduação em Enfermagem para quatro anos letivos, na busca de melhorar a qualidade do ensino, em 1968 é instituída no Brasil a Reforma Universitária, Lei n.º 5540, de 28/11/68.

A Reforma Universitária implicou em novos reajustes e mudanças curriculares, que tinha como proposta a absorção de um maior número de candidatos, através do aumento do número de vagas nas universidades e a racionalização das estruturas e recursos. E, um novo currículo foi aprovado em 1972 pelo Parecer 163/72 e Resolução 4/72. Gabrielle (2004), Lima (1994), Mendes (1996), Rodrigues (2000).

Esse novo currículo mínimo tinha um ciclo básico e um tronco profissional comum, dando ao enfermeiro a possibilidade de três diferentes habilitações (enfermagem obstétrica, enfermagem em saúde pública e enfermagem médico-cirúrgica), depois de ter concluído o tronco comum. Lima (1994).

Na década de 80 surgiram novas propostas de saúde, visando uma melhor organização do sistema trazendo os pressupostos da equidade, integralidade e universalidade, como princípios norteadores das políticas no setor saúde, exigindo profissionais com formação “generalista”, capazes de atuar em diferentes níveis de atenção à saúde. Assim, houve discussões entre as entidades de classe, escolas, instituições de saúde entre outros acerca da necessidade de reformulação do currículo de 1972, pois o mesmo não seria mais capaz de atender as necessidades impostas pelo setor da saúde no Brasil. Mendes (1996).

A Lei do Exercício Profissional de Enfermagem n.º 7498/86, veio responder às expectativas do mercado de trabalho, explicitando as atividades privativas do enfermeiro, como sendo: planejamento, organização, coordenação, execução e avaliação dos serviços de assistência de enfermagem, consulta e prescrição da assistência de enfermagem, consultoria, auditoria e emissão de parecer sobre matéria de enfermagem, prestação de cuidados diretos de enfermagem a pacientes graves e com risco de vida, e de cuidados de maior complexidade que exigem conhecimentos científicos e tomada de decisão, entre outros. Tais determinações exigiram reflexões e revisões nos atuais currículos de

formação profissional, suscitados, por influência do modelo da prestação de serviços na saúde. Mendes (1996).

Segundo Mendes (1996), vários encontros e seminários foram realizados sobre as questões da educação em enfermagem pelos órgãos formadores e prestadores de serviços, com a participação efetiva da ABEn que culminou na reformulação e aprovação do currículo mínimo para a formação do enfermeiro no Brasil, obtendo o Parecer 314/94 e oficializado através da Portaria n.º 1721/94 .

Esse currículo mínimo entrou em vigência um ano após a sua publicação, norteando a grade curricular dos alunos que ingressaram nos cursos de enfermagem no ano de 1996. A carga horária mínima passou a ser de 3500 horas/aula, incluindo as 500 horas destinadas ao Estágio Curricular Supervisionado e a duração mínima de quatro anos letivos e máxima de seis anos. Galleguillos (2001).

O novo currículo teve como pressuposto a educação como possibilidade de transformação, centrada na formação da consciência crítica, levando o enfermeiro à reflexão sobre a prática profissional e ao compromisso com a sociedade. Lima (1994).

Ainda neste contexto histórico do ensino de enfermagem no Brasil, é importante ressaltar que, em virtude da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996 há inovações e mudanças na educação nacional, onde é prevista uma reestruturação dos cursos de graduação, com a extinção dos currículos mínimos e a adoção de diretrizes curriculares específicas para cada curso.

A nova LDB assegura às instituições de ensino superior autonomia didático-científica, bem como autonomia em fixar os currículos dos seus cursos e programas. Assim, as universidades não têm a obrigatoriedade em seguir a regulamentação do currículo mínimo determinada pela Portaria 1721/94. No momento atual, o currículo não é mais o único determinante, mas base para direcionar e orientar o ensino de graduação em enfermagem. Rodrigues (2000).

A atual LDB trouxe novas responsabilidades para as Instituições de Ensino Superiores, docentes, discentes e sociedade, pois permite a formação de diferentes perfis profissionais a partir da vocação de cada curso/ escola, esperando melhor adaptação ao mercado de trabalho, já que as instituições terão a liberdade para definir parte considerável de seus currículos plenos. Galleguillos (2001).

De acordo com a nova LDB, o perfil do profissional a ser formado hoje pela universidade é o de um indivíduo mais crítico, reflexivo, dinâmico, ativo, adaptável às demandas do mercado de trabalho, apto a aprender a aprender, a assumir os direitos de liberdade, enfim atender às tendências do mundo globalizado. Valente (1999).

Para atender às exigências da nova LDB, surgiram as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação em Saúde que tem como objetivos:

*“levar os alunos dos cursos de graduação em saúde a **aprender a aprender** que engloba **aprender a ser, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a conhecer**, garantindo a capacitação de profissionais com autonomia e discernimento para assegurar a integralidade da atenção e a qualidade e humanização do atendimento prestado aos indivíduos, famílias e comunidades”*
Parecer CNE/CES 1.133/2001 (2001, p.37).

As novas Diretrizes Curriculares para a formação do enfermeiro, Resolução CNE/CES n.º 3 de 7/11/2001, respaldado no Parecer CNE/CES 1.133/01 homologada no D.O. 01/10/2001 buscam definir o perfil do profissional enfermeiro como destacado em seu Artigo 3º:

“Enfermeiro, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva. Profissional qualificado para o exercício de Enfermagem, com base no rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos. Capaz de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase na sua região de atuação,

identificando as dimensões bio-psico-sociais dos seus determinantes .Capacitado a atuar, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano”. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Enfermagem (2001, p.37).

Em relação as competências gerais e específicas definem em seu Artigo 4º que a formação do Enfermeiro tem por objetivo dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades gerais: Atenção à saúde; Tomada de decisões; Comunicação; Liderança; Administração e Gerenciamento e; Educação permanente. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Enfermagem (2001).

Segundo Amantéa (2004), um dos eixos norteadores dessa proposta das diretrizes curriculares é a concepção pedagógica balizada no processo de ensino centrado no aluno, que apresenta o professor como mediador, facilitador do processo educacional.

Como podemos observar em todo o percurso histórico do ensino de enfermagem no Brasil as relações sociais, políticas, de educação e de saúde influenciam diretamente no contexto da formação da enfermagem moderna, o qual passou por diversas modificações com atuação constante e fundamental das associações de classe voltadas para as adequações na formação do enfermeiro às necessidades da sociedade brasileira.

Segundo Lima (1994) a educação continuada dos enfermeiros tem papel preponderante, no sentido de manter os profissionais da enfermagem atualizados e preparados para atuar em modelos de assistência diferentes daqueles nos quais foram formados.

A formação do profissional de enfermagem requer programas educacionais inovadores e atualizados, voltados tanto para as demandas do mercado de trabalho, como para as necessidades de transformação da prática. Lima (1994).

2.2 Os Conceitos sobre estágios e seus aspectos históricos e legais no Curso de Graduação em Enfermagem

Sendo o enfermeiro, por suas características de atuação, um profissional que detém um saber teórico e um saber prático, o processo de formação desse profissional deve passar, obrigatoriamente, pelo ensino teórico e pelo ensino das habilidades e técnicas práticas (o saber fazer) necessárias a sua formação proporcionada nos campos de estágio. Costa (1997).

Uma característica que usualmente é apresentado pelos alunos em estágio é a dificuldade que eles possuem em realizar a transição do ensino da sala de aula ao ensino prático, e do conhecimento adquirido na teoria ser aplicado em situações práticas. O entrosamento entre a instituição de ensino, instituição de saúde e os alunos é um componente vital para o aprendizado em estágio ser eficiente, alcançando os objetivos traçados pela metodologia de ensino. Ewan (1984).

O estágio é concebido como um campo de treinamento, um espaço de aprendizagem do fazer concreto onde um leque de situações reais, de atividades de aprendizagem profissional se manifesta para o estagiário, tendo em vista a sua formação. O estágio *“é o locus onde a identidade profissional do aluno é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica”*. Buriolla (1999 p. 13).

O estágio por definição é *“prática, é a aplicação da teoria. É ele, portanto, o recurso didático que vai possibilitar a experiência, o exercício e a vivência profissional de modo sistemático”*. Facó (1973 p. 11).

Para Cunha (2003), o estágio é considerado um instrumento essencial no processo de formação do profissional, podendo auxiliar o aluno a compreender e enfrentar o mundo do trabalho além de contribuir para a formação de sua consciência política e social, unindo a teoria à prática.

“O estágio não é a hora da prática”. É a hora de começar a pensar na condição de profissional na perspectiva de eterno aprendiz. *“É a hora de começar a vislumbrar a formação contínua como elemento de realimentação dessa reflexão”*. Lima (2001, p. 16).

Para Facó (1973, p.12), “*o estágio não deve ser um ensaio, mas um treino, nem um exercício simulado e sim uma vivência*” e quanto mais real for a posição do estagiário; quanto maior liberdade de ação lhe for dada; quanto maior número de problemas ele vivenciar, quanto mais situações diversificadas ele presenciar, maior será o aprendizado do estudante no estágio.

O estágio é o momento onde é oferecida a oportunidade de aplicação e aprimoramento dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos durante toda a graduação nas demais disciplinas, tendo em vista a transição da vivência acadêmica para a profissional. Portanto, é de suma importância o local onde é introduzido o referido estágio, os profissionais envolvidos no processo de aprendizagem, e principalmente a influência do enfermeiro assistencial em relação ao desenvolvimento do estágio na unidade de trabalho.

Nesta perspectiva, o estágio é essencial à formação do aluno como um momento específico de sua aprendizagem que proporciona a reflexão sobre a ação profissional e uma visão crítica da dinâmica das relações existentes no campo institucional, apoiados na supervisão enquanto processo dinâmico e criativo, tendo em vista possibilitar a elaboração de novos conhecimentos. Bousso (2000).

A autora ainda acrescenta que, o estágio tem como elemento chave a proposta de uma aproximação do ensino e prática não só para desenvolver capacidades racionais e morais do futuro enfermeiro, mas também emocionais, expressivas e pessoais.

Piconez (2001) compreende o estágio como o momento que o aluno tem para vivenciar o mundo do trabalho, contribuindo com novas dimensões no processo de formação da sua consciência política e social, integrando teoria e prática. A autora ainda destaca que o docente supervisor deve ter bem claro que tipo de profissional ele quer formar e que tipo de conhecimento esse profissional necessita.

O estágio curricular é uma oportunidade para aprofundar conhecimentos e habilidades em áreas e atividades de interesse do aluno e, portanto, não é simplesmente uma experiência prática vivida pelo aluno, mas uma oportunidade

para refletir, sistematizar e testar conhecimentos teóricos e práticos discutidos durante todo o curso de graduação. Roesch (1999).

A disciplina Estágio Curricular deve ser considerada como um procedimento didático-pedagógico que conduz o aluno a situar, observar e aplicar criteriosamente e reflexivamente, princípios e referências teórico-práticas assimilados através do curso, numa visão multidisciplinar, sem perder de vista a realidade na qual se encontra inserido.

“Para o estágio curricular é imprescindível o inter-relacionamento multidisciplinar entre teoria e prática. Este não pode ser tomado como um processo de ensino aprendizagem apenas terminal ou complementar; é necessário que o seu planejamento esteja respaldado em um campo de experiências que projete um modelo do perfil profissional que se quer formar”. Andrade (1989, p.27).

O Estágio Curricular não se faz por si só. Ele deve ser planejado e preparado durante as disciplinas oferecidas na graduação e docentes, de forma articulada e interdisciplinar, além da necessidade de preparar a instituição campo de estágio e principalmente, preparar o enfermeiro assistencial que participará efetivamente no processo ensino - aprendizagem do aluno de graduação em enfermagem.

Verificamos que em todo o contexto histórico do ensino de enfermagem, o estágio sempre foi considerado como um fator importante para a formação do enfermeiro, pois diversos autores reconhecem que é no contato direto com situações reais que o aluno aprende progressivamente as atividades e funções que o enfermeiro exerce nas diversas áreas de assistência à saúde da população.

Desde a primeira escola de enfermagem instituída no Brasil em 1923, houve a preocupação em relação à parte prática na formação de enfermeiros.

Na época, o desenvolvimento do programa teórico era concomitante à parte prática. O Artigo 429 do Decreto 16.300/23 não mencionava o número de horas destinado à parte teórica e ao estudo, entretanto, o Artigo 418 do mesmo Decreto, informava que os alunos deviam prestar oito horas de serviço diário no hospital. O Parágrafo segundo do mesmo Artigo, assinalava que os mesmos

tinham direitos a dois meio dias de descanso por semana e a uma quinzena de férias anualmente, deixando evidente a forma intensiva que era ministrada o curso e que as horas destinadas ao ensino teórico e ao estudo era um acréscimo às 48 horas semanais de prática hospitalar. Carvalho (1972), Lanthier (1983).

Rizzotto (1999) acrescenta ainda que mais de 90% do ensino prático ocorria dentro do hospital em estágios realizados em enfermarias e ambulatórios hospitalares, evidenciando que a formação estava voltada predominantemente para o conhecimento das doenças e para a assistência curativa e não para uma idéia preventiva e de saúde pública.

Segundo Lanthier (1983), esta primeira etapa de formação do enfermeiro, retrata que o aluno era mais considerado funcionário do hospital do que estudante, pois em muitas ocasiões, as escolas encurtavam as férias escolares dos alunos para atender as necessidades do serviço.

Com a primeira reformulação curricular oficial em 1949, um novo enfoque marcou o ensino de campo, substituindo a ênfase dada anteriormente à aquisição de habilidades e técnica, através de repetições excessivas de um mesmo procedimento, por uma atenção mais diferenciada ao paciente, considerando-o como ser integral e que necessita de um atendimento planejado. Lanthier (1983).

Para auxiliar o estudante nesta nova aprendizagem, fez-se necessário a introdução de um programa de orientação no próprio campo de estágio, com objetivos bem definidos, os quais iriam facilitar a seleção e organização das experiências. A esta orientação planejada, deu-se o nome de “*Ensino Clínico*”. Lanthier (1983).

Forjaz (1957) apud Lanthier (1983 p.15), reconhece que a preparação e a competência do futuro profissional de enfermagem estão na dependência do seu aproveitamento e desenvolvimento nos estágios. Diz que “é através do ensino clínico, nele incluído a experiência cotidiana e dirigida, que o estudante aprende a verdadeira arte da enfermagem”.

Gradativamente foram sendo reduzidas nos currículos de enfermagem as horas diárias de estágio em serviços de saúde, aumentando o tempo dedicado à

instrução formal e ao ensino clínico, incrementando a correlação entre a teoria e a prática e melhoradas as condições de estudo dos alunos durante o curso, tendo como grande influência às reivindicações do próprio corpo discente. Carvalho (1972).

Face às exigências cada vez maiores em termo de ensino, o Seminário de Ensino de Enfermagem realizado em 1956 fez as seguintes recomendações referentes aos estágios:

“preparar previamente o aluno para o estágio; diminuir a carga de serviço dos estudantes de campo; considerar o hospital, antes de tudo, como campo de estudo, não devendo este depender do trabalho dos alunos; fazer o aluno participar da avaliação; realizar entrevistas com cada estudante periodicamente e manter ficha de seu progresso” . Lanthier (1983 p. 15).

Percebe-se que nas recomendações sugeridas pelo referido seminário não é mencionada a participação e a importância do enfermeiro assistencial no desenvolvimento profissional do aluno em campo de estágio.

Os estágios, no currículo mínimo regulamentado pelo Parecer 271/62, tiveram restrições importantes, tendo a diminuição da prática em quase todas as especialidades médicas e cirúrgicas, sendo considerado que para a sua execução não poderia ser computado mais do que 1/10 (um décimo) do número total de horas fixadas para o curso, que na época era equivalente a uma carga horária total de 2.430 horas. Carvalho (1972).

Após as alterações introduzidas pela Reforma Universitária (1968), Lei n.º 5540/68, um novo currículo foi aprovado em 1972. No que se refere aos estágios, a Resolução n.º 4/72 trouxe melhoria significativa, aumentando a sua carga horária. Foi determinado que os estágios supervisionados desenvolvidos em vários cenários de atuação do enfermeiro, não poderiam ter uma carga horária inferior a 1/3 (um terço) da carga horária do ciclo profissionalizante do currículo, acontecendo ao longo do período de formação. Lanthier (1983). O autor relata ainda que, os temas e recomendações dos congressos na década de 70, no que tange aos campos de prática, declararam que eles eram deficientes em quantidade

e qualidade e que seria necessário melhorar o relacionamento entre as escolas e as instituições que serviam de campo de estágio, bem como celebrar convênios com maior número de instituições.

Em relação à legislação específica sobre os estágios desenvolvidos em diversas áreas dos cursos de graduação, começou a vigorar em 7 de dezembro de 1977 a Legislação Federal que normatiza a realização dos estágios. Assim, a Lei em vigor é a Lei n.º 6.494, que legisla sobre os estágios de alunos de ensino superior e profissionalizante de ensino médio. Esta Lei foi regulamentada pelo Decreto n.º 87.497/82, de 18 de agosto de 1982.

A Lei em pauta diz no seu artigo 1º, parágrafo 1º e 2º:

*“O Estágio somente poderá verificar-se em unidades que tenham condições de proporcionar experiência prática na linha de formação, devendo, o estudante, para esse fim, estar em condições de estagiar, segundo disposto na regulamentação da presente lei”.
E no seu parágrafo 2º: “Os estágios devem propiciar a complementação do ensino e da aprendizagem a serem planejados, executados, acompanhados e avaliados em conformidade com os currículos, programas e calendários escolares, a fim de se constituírem em instrumentos de integração, em termos de treinamento prático, de aperfeiçoamento técnico cultural, científico e de treinamento humano” . Santos (1997 p. 224).*

O Decreto 87.497/82 ainda esclarece, em seu Artigo 2º, considerando o estágio curricular:

“Considera-se estágio curricular, para efeitos deste Decreto, as atividades de aprendizagem social, profissional, cultural, proporcionados ao estudante pela participação em situações reais de vida e trabalho em seu meio, sendo realizada na comunidade em geral ou junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado, sob responsabilidade e coordenação da instituição de ensino”.

E no seu artigo 3º que:

“O estágio curricular, como procedimento didático pedagógico, é atividade de competência da Instituição de Ensino a quem cabe a decisão sobre a matéria e dele participam pessoas jurídicas de direito público e privado, oferecendo oportunidade a campos de estágio, outras formas de ajuda e colaborando no processo educativo”. Buriolla (1999 p. 16), Santos (1997 p. 225).

Legalmente, o estágio aparece como elemento de unidade entre teoria e prática, faz parte da estrutura curricular e se realiza através de atividades vinculadas a uma ou mais disciplinas, com vistas a complementar a formação profissional, podendo o aluno ter contato com aspectos humanos, sociais e técnicos do mundo do trabalho. Azevedo (1980).

Além disso, a Lei normatiza em seu Artigo 4º que *“o estágio não cria vínculo empregatício de qualquer natureza”* e que as Instituições de ensino deverão regulamentar sobre a programação, orientação e supervisão, avaliação do estágio, sua carga horária, duração e jornada de estágio curricular, as condições, caracterização e definição dos campos de estágio. Buriolla (1999 p. 16).

A Lei que vigora sobre os estágios é clara no que diz respeito a responsabilidade da instituição de ensino em relação ao desenvolvimento do estágio, seu planejamento, do local de campo de estágio e intensifica a importância deste recurso didático pedagógico na formação do profissional.

Segundo Andrade (1989), na Lei n.º 6.494 de 1977, pode-se perceber a idéia de complementaridade do ensino-aprendizagem, através da modalidade do Estágio Curricular, ou seja, um recurso buscando preencher lacunas e dificuldades sentidas no decorrer do curso, procurando saná-las no último semestre.

Já no decreto Lei n.º 87.497, de 1982, a idéia de complementaridade configura uma visão mais abrangente do processo ensino-aprendizagem. Destaca a aplicação dos conhecimentos teórico-práticos e a oportunidade de vivenciar o futuro desempenho profissional.

Em 1994, o Conselho Federal da Educação reformulou o currículo mínimo, através do Parecer n.º 314/94. Foi incluído neste novo currículo 500

horas destinadas ao Estágio Curricular desenvolvido sob supervisão docente. Buscava assegurar a participação dos enfermeiros dos serviços de saúde no ensino através de propostas de integração docente–assistencial. Permitiu inclusive o entendimento de que supervisão do estágio curricular poderia ser feita à distância, desde que ancorada em um projeto de integração docente–assistencial. Galleguillos (2001), Franqueiro (2002).

O novo currículo mínimo do curso de enfermagem buscou superar a dicotomia entre o ciclo básico e o ciclo profissionalizante, distribuindo as disciplinas por áreas temáticas (bases biológicas e sociais; fundamentos de enfermagem; assistência de enfermagem e administração em enfermagem). Indica que o conteúdo teórico-prático deverá ser desenvolvido ao longo da formação do enfermeiro, incluindo-se o estágio curricular. Gisi (1998).

A autora acrescenta ainda que, a busca desta superação, no entanto, pressupõe que na operacionalização dos currículos plenos se estabeleça uma integração entre as disciplinas das diversas áreas, bem como, o contato dos alunos com as práticas de saúde já no início do curso, na perspectiva da compreensão do conhecimento em uma relação dinâmica entre o saber e o fazer.

O Parecer 314/94 ressalta ainda a significativa preocupação em introduzir a participação do enfermeiro de serviço no processo de formação do aluno de enfermagem em campo de estágio através da proposta de Integração Docente – Assistencial (IDA).

O programa de Integração Docente – Assistencial (IDA), é um dos recursos utilizados pelo governo federal para aproximar o ensino e os serviços de prestação à saúde, sendo definido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) como:

“união de esforços em um processo de crescente articulação entre Instituições de educação e de Serviços de Saúde adequados às necessidades reais da população, à produção de conhecimentos e à formação de recursos humanos necessários, em um determinado contexto de prática de serviços de saúde e de ensino”. Brasil (1981, p.32).

Segundo Olschowsky (2000), a proposta IDA faz parte de um processo que requer participação da sociedade, sendo que, através da realidade concreta, devem ser desenvolvidos os conteúdos acadêmicos e dos serviços, atendendo às necessidades da população, implicando na redefinição do sistema formador e do prestador de serviços com uma postura crítica sobre a realidade.

A IDA reforça a importância de ter objetivos comuns entre a instituição de ensino e a instituição prestadora de serviços na formação do enfermeiro, tendo significativa influência da sociedade e participação do enfermeiro de serviço no desenvolvimento do aluno em estágios.

Como processo da IDA, Beccaria (2002) relata em seu estudo que há expectativas de que o enfermeiro assistencial forneça informações sobre a unidade em que atua, tendo em vista a organização do campo de ensino-aprendizagem e também que se valha da presença do docente e dos alunos para o intercâmbio e a atualização de conhecimentos da equipe. Há também a expectativa de que o docente identifique problemas referentes à assistência de enfermagem e ao funcionamento do serviço, e que tenha em vista propostas conjuntas para superação dos problemas.

O Estágio Curricular, considerado como práxis transformadora do ensino de enfermagem, pode proporcionar condições para fortalecer o processo da IDA numa dimensão crítica / reflexiva. Backes (1999).

O Conselho Federal de Enfermagem – COFEN, no uso de suas atribuições legais e regimentais, dispõe sobre indicativos para a realização de estágio curricular supervisionado de enfermagem de graduação e do nível técnico da educação profissional, e resolve em seu artigo 3º que:

“compete única e exclusivamente às instituições de ensino a celebração de convênios com as instituições de saúde cedentes do campo de estágio”. Resolução COFEN nº. 299/2005.

E, em seu artigo 4º, enfatiza que:

“o planejamento, a execução, a supervisão e a avaliação das atividades do estágio curricular supervisionado deverão ser levadas a efeito sob a responsabilidade da instituição de ensino,

com a co-participação do enfermeiro da área cedente de campo de estágio”. Resolução COFEN n.º 299/2005.

A Resolução do COFEN (2005) reforça a responsabilidade das instituições de ensino nos estágios realizados em instituições prestadoras de serviços de saúde, e também menciona a participação do enfermeiro assistencial na formação dos alunos de enfermagem.

Recentemente, outra reformulação curricular foi implementada na Enfermagem através da Resolução n.º 3, de 7 de novembro de 2001, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem.

No que se refere aos estágios, a Resolução CNE/CES n.º 3 de 7/11/2001 contempla em seu Art. 7º que:

“a formação do Enfermeiro, além dos conteúdos teóricos e práticos desenvolvidos ao longo de sua formação, ficam os cursos obrigados a incluir no currículo o estágio supervisionado em hospitais gerais e especializados, ambulatórios, rede básica de serviços de saúde e comunidades nos dois últimos semestres do Curso de Graduação em Enfermagem”.

Acrescenta ainda, no Parágrafo Único do Art. 7º da mesma Resolução:

“(…) na elaboração da programação e no processo de supervisão do aluno, em estágio curricular supervisionado, pelo professor, será assegurada efetiva participação dos enfermeiros do serviço de saúde onde se desenvolve o referido estágio. A carga horária mínima do estágio curricular supervisionado deverá totalizar 20% (vinte por cento) da carga horária total do Curso de Graduação em Enfermagem proposto, com base no Parecer/Resolução específico da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação”. Resolução CNE/CES n.º 3 de 7/11/2001.

Fica evidenciada a significativa preocupação que o Conselho Nacional de Educação possui em relação a formação do enfermeiro no que se refere a prática profissional e o reconhecimento da importância do enfermeiro do serviço de

saúde no desenvolvimento do aluno de graduação em enfermagem., assegurando –lhe a efetiva participação durante os Estágios Curriculares.

A nova LDB e as Diretrizes Curriculares para a formação do enfermeiro, constituem mudanças significativas no ensino de enfermagem. Se bem compreendidas e direcionadas, podem proporcionar a formação de profissionais críticos e reflexivos, com participação importante no sistema de saúde e com competência profissional para participar na resolução dos problemas de saúde da população.

Porém, é necessário um grande esforço e união efetiva entre as instituições de ensino superior, tanto pública como privada, para capacitar e conscientizar os docentes, as instituições prestadoras de serviços de saúde e os enfermeiros assistenciais que participam do processo ensino - aprendizagem do aluno em campo de estágio para atender os objetivos da disciplina Estágio Curricular e as propostas das novas diretrizes curriculares do curso de graduação em Enfermagem.

A integração com os profissionais do serviço de enfermagem constitui-se em um importante mecanismo para a aproximação do ensino com o processo de trabalho, pois facilita a inter-relação entre alunos e docentes com toda a equipe de saúde. Gisi (1998).

Rezende (1986) comenta o papel passivo das instituições de serviços de saúde, afirmando que estas, muitas vezes, têm participado apenas burocraticamente, cedendo seus campos e, ainda, muitas vezes, estipulando o local dos estágios e o número de estagiários que podem receber.

O Estágio Curricular, considerada como procedimento didático pedagógico inovador e tendo em vista todas as considerações expressas nas diretrizes curriculares do Curso de Graduação em Enfermagem, deve ser visto, como uma responsabilidade compartilhada pelas instituições de ensino e de serviço, sem perder, contudo a perspectiva do maior compromisso da instituição formadora quanto ao controle e avaliação global das atividades desenvolvidas pelos estagiários.

2.3 O processo ensino - aprendizagem do aluno de graduação em enfermagem no campo de estágio

Se refletirmos sobre o processo ensino – aprendizagem, observamos que a todo instante estamos participando deste processo, seja no cotidiano da vida corriqueira, no trabalho, na escola, na vida social ou mesmo em repouso, refletindo sobre tudo que nos rodeia, pois a todo instante estamos aprendendo ou ensinando algo.

Segundo Prado (2001), o processo ensino - aprendizagem deve possibilitar ao indivíduo diferentes visões de mundo, atribuir valores, criar significados, desenvolver perspectivas, buscar o desconhecido, transformar e inovar.

Estudos na área de ensino - aprendizagem de enfermagem tem a importante função de não somente aprimorar o processo educativo, mas também de melhorar a qualidade da prática profissional. É importante ressaltar que a aprendizagem é um processo que torna as pessoas capazes de modificar seu comportamento de uma forma mais permanente. Prado (2001).

Segundo Henry (1997) três condições básicas são necessárias para ocorrer a aprendizagem: a prática, pois o maior grau de aprendizagem ocorre com repetidas exposições da mesma situação; a motivação, porque ela promove o ímpeto de aprender e é a chave para qualquer situação de aprendizagem; e o reforço, que constitui um forte componente do aprendizado, porque o principiante repetirá as condutas corretas.

Cada pessoa desenvolve distintamente a parte cognitiva e afetiva, pois cada indivíduo tem sua história de vida e um contexto o qual está inserido, e estes aspectos podem influenciar no processo de aprendizagem do aluno, pois cada um tem o seu grau de discernimento de acordo com o seu interesse e a sua história de vida.

Nem todos os alunos passam pela mesma experiência, cada um tem a sua vivência, o paciente sob seus cuidados, situações diversas e distintas, pois estamos lidando e aprendendo com seres humanos. E para tanto, reforço a necessidade do preparo e competência do docente e do enfermeiro assistencial

em conduzir o aluno para o alcance dos objetivos propostos pelo estágio, pois apesar das diversas situações que cada aluno vivencia é importante que o papel do enfermeiro na assistência e gerenciamento tenha sido vivenciado por todos.

O contato do aluno com a realidade do enfermeiro assistencial permite que o aluno conheça e identifique as atividades que permeiam a prática, o gerenciamento de cuidados e a maneira de se fazer enfermagem. Tronchin (1998).

O aluno de enfermagem, durante a disciplina do Estágio Curricular, passa grande parte do tempo ao lado do enfermeiro assistencial, acompanhando-o, observando-o e auxiliando-o em suas atividades diárias. O enfermeiro exerce grande influência na aprendizagem do aluno e este deve ser preparado e orientado acerca deste papel fundamental no desenvolvimento do estágio e para o aluno.

Para que ocorra a aprendizagem de forma adequada, é imprescindível que o enfermeiro assistencial tenha o conhecimento científico e técnico para poder transmitir, com segurança, seus conhecimentos ao aluno e propiciar as melhores oportunidades de aprendizado.

Além do enfermeiro e do docente responsável pelo aluno, é certo que todo o processo ensino – aprendizagem em campo de estágio depende essencialmente do aluno, do que ele pretende aprender, dos interesses próprios e capacidades cognitivas de cada um.

“O aluno, para aprender, precisa realizar um trabalho cognitivo de análise e revisão de seus conhecimentos, a fim de que os conhecimentos sejam realmente significativos e propiciem um nível mais elevado de competência. A influência do professor e da sua intervenção pedagógica é que torna significativa a atividade do aluno”. Valsechi (2002, p.820).

De acordo com Ohl (1995) no campo da prática, o aluno deve ter a capacidade de desenvolver e assumir atitudes e postura que possam caracterizá-lo como um futuro profissional da enfermagem. Para que comece a agir e reagir como um profissional é necessário que o aluno saiba utilizar o conhecimento

teórico, bem como também desenvolver habilidades para que possa se adaptar e trabalhar com as situações que são emergentes da prática.

Segundo Angelo (1994, p.11):

“a educação em enfermagem é um processo político, que tem reproduzido práticas tradicionais que reforçam certas contradições vivenciadas pelo estudante, entre conhecimento recebido em sala de aula e aquele que deriva de suas experiências nas clínicas. A experiência no ensino de enfermagem tem mostrado que os ideais profissionais de autonomia, poder e prática reflexiva parecem ser realidades diferentes na sala de aula e na prática clínica”.

A experiência prática exerce uma importante influência sobre o aluno de enfermagem. O campo de estágio é percebido por ele não somente como um laboratório vivo de aprendizagem, mas também como um ambiente de interação onde cada elemento (o paciente, o médico, o docente, o enfermeiro, o nutricionista, o psicólogo entre outros) influencia a visão da realidade. As perspectivas que o aluno desenvolve de si mesmo, dos outros e da enfermagem surgem nas interações que se estabelecem no campo da prática. Angelo (1994).

O local do estágio e os profissionais atuantes no campo da prática têm papel fundamental no processo de aprendizagem do aluno, pois vale lembrar que o aluno sofre um processo de interação com o ambiente físico e psicológico do campo. O inter-relacionamento com todo o seu pessoal que contempla os integrantes de diversas categorias de profissionais de saúde, pessoal administrativo, de serviços técnicos e os próprios pacientes, exercem grande influência na formação do aluno, que aprenderá através dos exemplos, sejam eles bons ou ruins. Chaves (1981).

Talvez a maior variável no aprendizado do aluno em campo de estágio seja o local onde o aluno é inserido. O aprendizado prático requer um meio ambiente onde os alunos são encorajados a ter responsabilidade pelo seu próprio aprendizado. O meio ambiente ideal para introdução do aprendizado prático é aquele o qual é denominada uma “comunidade de aprendizado”. Isto é caracterizado em um clima de aceitação, suporte e confiança, onde cada membro

da equipe de saúde reconhece que o estagiário está ainda aprendendo e onde as necessidades dos alunos são reconhecidas e na medida do possível supridas. Quinn (1988).

É no campo da prática que o aluno observa e tem o discernimento da relação da fundamentação teórica e a aplicação na prática. Ele desenvolverá o seu senso crítico e observará situações que o levará a desenvolver a reflexão do que está adequado ou inadequado no contexto da realidade da prática, sendo o enfermeiro assistencial o elemento essencial na influência e direcionamento do processo ensino – aprendizagem do estagiário em sua unidade de trabalho.

Rodrigues (1995) ressalta que “a unidade hospitalar, juntamente com a equipe como um todo deve estar preparada para receber o aluno e responder a seus questionamentos”, e também acrescenta que com a institucionalização do Estágio Curricular, o enfermeiro assistencial passa a ter participação efetiva na formação do aluno.

De acordo com Bousso (2000 p.220), o processo de ensino – aprendizagem no Estágio Curricular exige o envolvimento de três personagens efetivamente: o aluno, o docente e o enfermeiro assistencial. A cada um dos personagens, compete um papel específico:

- *“ao aluno: cabe participar ativamente do processo de transição do ser estudante para o ser profissional, aproveitando, observando e aprendendo as atividades e oportunidades que estão sendo vivenciadas durante o estágio;*
- *ao docente: cabe fornecer suporte para garantir a qualificação do aprendizado do aluno, acompanhando e avaliando o desenvolvimento do mesmo;*
- *ao enfermeiro de campo: cabe participar ativamente deste processo no campo de prática, acompanhando e avaliando, junto com o docente, o desenvolvimento do aluno, bem como facilitando e intermediando a integração do aluno ao serviço e à equipe de saúde”.*

Bousso (2000) expressa de maneira clara a importância das pessoas envolvidas em todo o processo de ensino – aprendizagem, o qual não acontece isoladamente.

É importante que o docente e o enfermeiro assistencial se preocupem não somente em transmitir o saber, mas sim, ter a preocupação em incentivar a criação do saber, deixando de ser apenas o transmissor e tornar-se o organizador e o estimulador do desenvolvimento do conhecimento no aluno. Magalhães (2000).

Ora, afastados da prática, os docentes passaram a ser vistos, pelos alunos, como conhecedores da teoria, respeitados pelo saber enquanto o enfermeiro assistencial é o modelo da competência técnica do saber fazer. E, esse distanciamento teórico-prático, traz prejuízos à profissão, seja no desenvolvimento prático, como no ensino, pois a dicotomia deste discurso dificulta o entendimento que o aluno terá da sua futura profissão. Caldonha (1998).

Acreditamos que a integração entre docentes e enfermeiros assistenciais favoreça não somente o desenvolvimento da formação do futuro enfermeiro, mas também o aprimoramento da prática e da docência.

O Parecer 314/94 que embasa a portaria 1721/94. Brasil (1994) traz a orientação para o processo ensino-aprendizagem, referindo-se maior aproximação do ensino com a realidade da prática da enfermagem quando ressalta que:

“O estudo teórico deve emanar dos problemas vivenciados pelos alunos na medida em que estes ocorrem no dia a dia das atividades de aprendizagem; o estágio curricular supervisionado deve ser programado, acompanhado e avaliado pela escola e pelos enfermeiros dos serviços de saúde onde se realizarão tais estágios; a formação do enfermeiro deve capacitá-lo a aprender a complexidade do trabalho de saúde que é por natureza coletiva e interdependente”.

Esse Parecer contempla a necessidade da integração entre a escola e os enfermeiros assistenciais no desenvolvimento de estágios.

Concordamos com a afirmação de Gisi (1998) a qual relata que quando existe no processo de formação uma concepção dicotômica de teoria/ prática,

saber/ fazer, o estágio embora represente um efetivo contato com a realidade não dará conta de unir o que já foi concebido de modo separado.

Portanto, é importante que a integração entre a teoria dada nas instituições de ensino e a prática vivenciada nas instituições de serviços de saúde seja uma estratégia utilizada em todo o processo de formação do enfermeiro, desde o início de sua formação até após a sua inserção no mundo do trabalho.

Pelo fato do desenvolvimento do Estágio Curricular efetivar-se na realidade dos serviços de saúde, realidade essa concreta, histórica, nela se evidenciando toda uma rede de relações sociais, de poder, inserida no contexto sócio-econômico, político e cultural vigente. Criam-se, portanto, relações entre sujeitos e grupos, entre educando e educador, entre profissional, educando e cliente, educando e comunidade, educando e profissional, entre tantas outras, na perspectiva de se constituírem “*relações dialógicas, horizontais sujeitos – sujeitos e não mais sujeitos – objetos*”. Dessas relações, surgem possibilidades de interações, trocas de saberes, científico, popular, técnico, social, entre outros, oportunizando a “*construção de novos saberes*”. Backes (1999).

O mesmo autor pensa no Estágio Curricular, por ele chamado de estágio “pré-profissional” como:

“uma estratégia de ensino viável e fecunda, para desenvolver relações de aproximação, de articulação e de unidade entre diferentes sujeitos, diferentes conhecimentos e diferentes realidades, permeadas pela interlocução dialógica, assumindo uma postura crítica face ao contexto histórico, fazendo opções políticas conscientes e agindo concretamente para aproximar a realidade da utopia almejada”. Backes (1999).

Fica evidenciada a importância da disciplina do Estágio Curricular como processo continuado de ensino – aprendizagem para o aprimoramento de conhecimentos, habilidades e atitudes essenciais à prática profissional do enfermeiro, realizados de forma sistematizada, com articulação entre os profissionais das instituições de ensino e da instituição campo de estágio, com a

participação do aluno, do docente e do enfermeiro assistencial no processo de formação do aluno de enfermagem durante a realização desta disciplina.

È importante que a disciplina não seja considerada como um processo de ensino-aprendizagem terminal ou complementar, e sim como o fechamento do ensino do curso de graduação em Enfermagem, como um resgate reflexivo do conteúdo teórico-prático proporcionado ao aluno durante o curso, como o momento de aprimoramento de técnicas e habilidades e como estratégia didático pedagógica para minimizar o distanciamento entre a teoria e a prática profissional, proporcionando uma visão real do mundo do trabalho.

3. Objetivos:

3.1. Objetivo Geral

- Conhecer as percepções dos enfermeiros assistenciais de um hospital de ensino em relação ao Estágio Curricular desenvolvido em sua unidade de trabalho.

3.2. Objetivos Específicos

- Conhecer a percepção dos enfermeiros assistenciais em relação ao seu papel na formação dos alunos em Estágio Curricular do Curso de Graduação em Enfermagem;
- Conhecer a influência que os alunos trazem para a unidade de trabalho onde se realiza o referido estágio;
- Identificar os fatores que facilitam e dificultam as atividades diárias do enfermeiro com a presença dos alunos em Estágio Curricular;
- Conhecer a percepção dos enfermeiros assistenciais em relação a estrutura do estágio e sugestões de aprimoramento para o desenvolvimento desta disciplina em ambiente hospitalar;
- Contribuir para o aprimoramento no desenvolvimento de Estágios Curriculares realizados em instituições de saúde.

4. Trajetória Metodológica

4.1. – Natureza do Estudo

Para o desenvolvimento desta pesquisa, considerando os objetivos propostos e o tema em questão, realizamos uma investigação de natureza exploratória – descritiva, utilizando a abordagem de pesquisa qualitativa.

Por observar que a relação entre o enfermeiro assistencial e os aspectos que permeiam o ensino da enfermagem, especificamente em relação aos estágios, pouco abordado no panorama científico, foi realizada a pesquisa do tipo exploratória.

A pesquisa exploratória tem como objetivo buscar mais informações sobre determinado assunto, muitas vezes pouco exploradas na literatura, proporcionando maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito e obter novas descobertas. Cervo (2002), Gil (2002).

O estudo de natureza descritiva procura descobrir e descrever o conhecimento de inúmeras situações e relações que ocorrem na vida e no comportamento humano, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outras variáveis, sua natureza e características, trabalhando com dados ou fatos da própria realidade. Cervo (2002).

Segundo Polit (1995), a pesquisa qualitativa se preocupa com os indivíduos e seu ambiente, em todas as suas complexidades. Este tipo de pesquisa baseia-se na premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios atores, ou seja, visa essencialmente, documentar e interpretar o que está sendo estudado em um contexto particular, sob o ponto de vista das pessoas envolvidas.

Ainda de acordo com a autora, a pesquisa qualitativa considera aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, levando em consideração o contexto em que as mesmas acontecem. Por outro lado dá origem a uma grande quantidade de dados narrativos, o que dificulta a utilização de

amostras maiores, em geral estuda-se um menor número de sujeitos, porém de forma intensa.

A abordagem qualitativa trabalha com o universo de significados das ações e relações humanas, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, um lado não perceptível e não mensurável em equações, médias e estatísticas, características de pesquisa do tipo quantitativo. Minayo (1993).

4.2 – Local do Estudo

O estudo foi desenvolvido em uma instituição hospitalar reconhecida como Hospital de Ensino, que oferece campo de estágio para os alunos de enfermagem (graduação e curso profissionalizante técnico) e demais áreas da saúde. Desenvolve programas de Residência Médica e o Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família, além de atividades de aprimoramento para os profissionais da Fisioterapia e Psicologia.

O Hospital é de característica filantrópica, geral, de grande porte, destinado à assistência de nível terciário. A Instituição possui cerca de 720 leitos oficiais, sendo aproximadamente 87% destinados ao atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS) e 13% destinados ao atendimento de diversos convênios e particulares, localizado no Município de São Paulo, Zona Leste da Cidade.

A escolha do local para a realização do estudo foi motivada pelo fato do hospital ser considerado uma referência de campo de estágio para alunos dos cursos de graduação em enfermagem da região e, principalmente pelo fato da pesquisadora exercer a função de Enfermeira do Serviço de Educação Continuada da Instituição e ter como uma das atribuições acompanhar e proporcionar apoio e suporte aos enfermeiros da Instituição no que tange aos aspectos de ensino, pesquisa, assistência e administração de enfermagem.

4.3 – Sujeitos Participantes do Estudo

O estudo contou com a participação de doze enfermeiros assistenciais, os quais receberam e acompanharam em suas unidades de trabalho os alunos do curso de graduação em enfermagem na disciplina de Estágio Curricular.

Todos os enfermeiros participantes da pesquisa atuam no complexo hospitalar, tiveram a experiência de acompanhamento de alunos de enfermagem durante o Estágio Curricular e concordaram voluntariamente em participar do estudo.

A partir dos impressos de solicitação de campo de estágio fornecidos pelas instituições de ensino, contendo o tipo de estágio, o local e o horário, foi possível identificar todos os enfermeiros que acompanharam os alunos em Estágio Curricular dentro da Instituição.

Foram identificados 31 enfermeiros assistenciais que acompanharam os alunos em Estágio Curricular desde o início do desenvolvimento da disciplina na Instituição até o final do ano de 2003, destes 24 enfermeiros encontravam-se trabalhando na empresa, outros 7 foram desligados. Dos 24 enfermeiros, 2 foram excluídos devido a função predominantemente administrativa que eles exerciam no momento do estágio, sendo selecionados 22 enfermeiros para a entrevista.

Dos 22 enfermeiros, um estava em licença médica nos dias da coleta e outro estava de férias. Foi realizado um total de 20 entrevistas, sendo as 8 primeiras consideradas como pré-testes para a avaliação do instrumento.

4.4 - Instrumento para Coleta de Dados

Para a obtenção dos dados e atender os objetivos propostos foi elaborado um instrumento norteador (Anexo I), composto por duas partes distintas. Na primeira parte solicitou-se alguns dados referentes a caracterização dos participantes da pesquisa e a segunda parte contém as perguntas orientadoras relacionados aos objetivos do estudo.

Consideramos importante a caracterização dos enfermeiros participantes da pesquisa para conhecermos alguns aspectos da identificação destes que acompanham os alunos em Estágio Curricular. Assim sendo, optamos por

construir o instrumento com questões iniciais relativas a caracterização dos enfermeiros com dados de identificação: idade, sexo, tempo de formação, tempo de atuação na Instituição como enfermeiro, unidade de trabalho onde acompanhou o Estágio Curricular, se o enfermeiro possui cursos de Pós-graduação concluídos, se exerce ou exerceu alguma atividade docente e a frequência que recebeu alunos de enfermagem em Estágio Curricular. A segunda parte do instrumento foi composta por 8 questões abertas relacionadas aos objetivos propostos que nortearam a coleta de dados.

4.5 Pré – Teste do Instrumento

O instrumento foi submetido ao pré - teste por oito enfermeiros que realizaram o acompanhamento da disciplina de Estágio Curricular os quais foram sorteados aleatoriamente.

A intenção deste procedimento foi a de testar a objetividade, a clareza, a compreensão e a coerência das questões contidas no roteiro de entrevista.

Assim, o instrumento foi submetido à avaliação a partir da técnica da entrevista, realizada pela própria pesquisadora com os enfermeiros sorteados..

Os enfermeiros que participaram da avaliação do instrumento manifestaram sugestões pertinentes os quais apontaram à necessidade de reformulação de algumas questões e colaboraram significativamente na definição das questões norteadoras que compuseram o instrumento final.

4.6 - Procedimentos Éticos

Esta investigação foi desenvolvida de modo a garantir o cumprimento dos preceitos da Resolução 196/96, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa/ Conselho Nacional da Saúde do Ministério da Saúde.

Após aprovação no exame de qualificação do Programa de Mestrado a qual a autora faz parte, o projeto foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição, campo do estudo, para a solicitação de parecer ético, o qual foi aprovado sem restrição (Anexo II).

O projeto aprovado foi encaminhado à Gerente de Enfermagem da Instituição para a sua apreciação, seu consentimento no desenvolvimento da pesquisa e a sua autorização para serem realizadas as entrevistas com os enfermeiros nas dependências da Instituição e nos seus respectivos horários de serviço (Anexo III).

Antes de iniciarmos as entrevistas, foi solicitada a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo IV) e sua assinatura após concordarem.

As entrevistas foram gravadas em fita cassete, num ambiente tranquilo, assegurando a privacidade das pessoas e seus depoimentos.

4.7 – Procedimentos para a Coleta de Dados

Foram fornecidos pela Coordenação de Enfermagem os impressos arquivados contendo todos os registros de estágios realizados no Hospital para identificação dos enfermeiros que participaram dos Estágios Curriculares na Instituição.

Os nomes dos enfermeiros identificados compuseram uma lista e foram recortados, inseridos numa urna e sorteados aleatoriamente. Estes nomes foram anotados numa folha de acordo com a ordem crescente do sorteio realizado.

A partir de então, foram realizados contatos de maneira informal e individual com os enfermeiros, esclarecendo o propósito do estudo, a forma de coleta de dados, verificando a possibilidade de participação dos mesmos e agendando um horário dentro do seu turno de trabalho para a realização da entrevista.

As entrevistas foram agendadas com horários e locais pré-determinados pela pesquisadora, de acordo com os horários de trabalho de cada enfermeiro e local autorizado pela gerente de enfermagem.

A técnica utilizada para a coleta de dados foi a da entrevista aberta utilizando-se um roteiro norteador.

Segundo Marconi (2003), entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. O entrevistador deve estabelecer um relacionamento profissional para não exercer influência sobre o entrevistado, dando – lhe oportunidade de expor aspectos peculiares do serviço, obtendo, desta forma, informações a respeito de um assunto ou problema sem fugir dos objetivos pré - estabelecidos do estudo.

Diante disso, é importante que o entrevistador tenha clareza de seus objetivos e não os perca de vista sob pena de distanciar-se de seu propósito, deve-se também ser imparcial evitando que a sua opinião pessoal interfira nos resultados. Zborowski (2003).

No momento da entrevista, os enfermeiros foram lembrados dos objetivos do estudo, foram informados que a qualquer momento poderiam desistir da participação da pesquisa sem qualquer prejuízo, foi garantido o anonimato de todos os participantes e realizado a leitura em conjunto do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido onde, após a concordância e assinatura do mesmo, iniciamos a entrevista, obedecendo a seqüência do roteiro.

Ressaltamos que a forma de registro das informações utilizadas neste estudo foi a gravação, devido a possibilidade de registrar a fala do entrevistado imediatamente.

O tempo de duração da entrevista variou de 30 a 40 minutos e ocorreram sem imprevistos.

Os dados foram coletados no período de 23 de setembro a 08 de Outubro de 2004 de acordo com as possibilidades dos participantes da pesquisa.

4.8 - Análise dos Depoimentos

Esta fase da pesquisa tem como finalidades: estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o assunto estudado, articulando-o ao contexto cultural da qual faz parte. Minayo (2002).

Para a análise dos dados obtidos, os discursos gravados foram transcritos na íntegra, permitindo assim uma leitura fluente dos depoimentos.

A referência para a análise dos depoimentos constituiu-se na análise de conteúdo, definida como:

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.
Bardin (1977, p.42).

Respaldamos a nossa discussão, segundo a definição de Bardin (1977) e as inferências feitas através dos dados obtidos nas entrevistas as quais foram organizadas segundo as fases propostas pela mesma autora e que segue uma cronologia: 1. pré – análise; 2. exploração do material; 3. tratamento dos resultados obtidos, a inferência e a interpretação.

1. Pré - análise: é a fase de organização que tem por objetivo tornar operacional e sistematizar as idéias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise.

Nesta fase o autor propõe a realização de uma leitura “flutuante” dos dados no sentido de tomarmos contato com sua estrutura, descobrirmos orientações para a análise e registrarmos impressões sobre a mensagem, obtendo algumas impressões que vão tornando-se mais precisas de acordo com o avanço

da leitura, principalmente em função do surgimento de hipóteses emergentes, forma-se então o que o autor chama de *corpus* que é a reunião dos documentos os quais serão submetidos aos procedimentos analíticos. Bardin (1977).

Nessa fase pré - analítica, nos permitiu uma visão abrangente dos dados obtidos e facilitou a categorização e apresentação dos mesmos.

Bardin (1977) coloca que na categorização é realizada uma operação de classificação dos elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento, segundo o gênero (analogia) com os critérios previamente definidos. O que vai permitir a categorização e o agrupamento é a parte comum existente entre os materiais. O critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas). A categorização tem como primeiro objetivo, fornecer uma representação simplificada dos dados brutos a dados organizados.

2. Exploração do material: consiste essencialmente na operação de codificação, visando alcançar o núcleo de compreensão do texto.

O tratamento do material (codificação) segundo Bardin (1997) *“corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou de sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto (...)”*.

Trata-se de uma etapa onde são realizados os reajustamentos finais necessários ao processo de organização da análise, escolhidos na fase de pré – análise, em que foi feita a confirmação das categorias. É uma fase longa, pois é necessário critério estabelecido na definição das categorias e na verificação do significado de cada conteúdo selecionado. Ferrari (2002).

3. Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: *“os resultados obtidos são tratados de maneira a serem significativos (falantes) e válidos”*.

É nesta fase que os resultados brutos tornar-se-ão significativos enquanto estudo científico. O pesquisador deverá tratá-los em operações estatísticas que permitem por em relevo as informações fornecidas pela análise. O analista, tendo à disposição resultados significativos pode então propor inferências ou adiantar interpretações respaldá-los baseado em outros pesquisadores, enfim validar os objetivos propostos no estudo, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas. Bardin (1977).

Procedemos à organização e análise dos dados e, neste estudo, as categorias foram agrupadas seguindo o tema das questões norteadoras da entrevista. Desse modo transcrevemos as respostas gravadas obtidas por meio da entrevista na íntegra e utilizando repetidas leituras do conteúdo buscamos apreender os seus significados.

Determinamos e selecionamos as descrições significativas das respostas dos entrevistados, procurando manter ou abstrair a essência do que foi dito pelos participantes deste estudo.

Da reflexão exaustiva do material, foi surgindo inferências, formando a construção do conhecimento desejado neste estudo, sem a pretensão, no entanto, de esgotá-lo, mas, sim, torná-lo apto para esta e outras discussões acerca do desenvolvimento de Estágios Curriculares na percepção dos enfermeiros assistenciais.

5. Apresentação e Discussão dos Resultados

5.1 – Caracterização dos Entrevistados

Apresentamos os dados coletados, obedecendo a mesma seqüência do roteiro norteador das entrevistas.

A primeira parte do roteiro constituiu-se da caracterização dos sujeitos da pesquisa com questões relativas a identificação dos enfermeiros que acompanharam os alunos em Estágio Curricular.

Os sujeitos participantes do presente estudo são doze enfermeiros assistenciais de uma instituição hospitalar reconhecida como Hospital de Ensino.

Os participantes da pesquisa foram identificados com a letra “E” seguido de um número em ordem crescente das entrevistas realizadas, garantindo assim o anonimato dos sujeitos.

No Quadro 1 e 2 caracterizamos os enfermeiros assistenciais nos seguintes aspectos: idade, sexo, tempo de formação, tempo de atuação na Instituição na função de enfermeiro, unidade onde acompanhou o aluno em Estágio Curricular, realização de cursos de Pós-Graduação, experiência em docência, atividade exercida como docente e a freqüência com que recebeu os estagiários.

Quadro 1 – Distribuição dos enfermeiros segundo a idade, sexo, tempo de formado, tempo de atuação na Instituição como enfermeiro, a unidade do estágio e a realização de cursos de Pós – Graduação. São Paulo, 2005.

Identificação	Idade (anos)	Sexo	Tempo de formado*	Tempo de atuação na Instituição*	Unidade de estágio	Realização de curso de pós – graduação
E 01	37	F	8a e 9m	8a e 7m	Hemodinâmica	Sim
E 02	40	F	10a e 9m	9a e 8m	Neonatologia	Sim
E 03	44	F	13a e 9m	13a e 8m	Transplante Renal	Sim
E 04	46	F	1a e 9m	1a e 3m	Nefrologia	Não
E 05	46	F	22a e 3m	4a	Maternidade	Sim
E 06	40	F	12a e 2m	12a e 1m	UTI	Sim
E 07	38	F	6a e 9m	3a e 10m	PS Cirúrgico	Sim
E 08	27	M	3a e 9m	3a	Transplante de medula óssea	Não
E 09	40	F	4a e 2m	3a e 1m	Hematologia	Sim
E 10	34	F	1a e 9m	1a e 7m	Centro Cirúrgico	Não
E 11	29	F	5a e 9m	5a e 6m	Recuperação Anestésica	Sim
E 12	29	F	7a e 10 m	6a e 8 m	PS Cirúrgico	Sim

* Foram considerados os anos (a) e meses (m) completos correspondentes ao tempo.

Da análise desses dados constatamos que a idade dos enfermeiros apresentou a média de 37,5 anos, sendo que seis (50,0%) dos entrevistados tiveram idade igual ou superior a 40 anos.

Podemos observar em relação ao sexo dos enfermeiros que apenas um (8,3%) era do sexo masculino e onze (91,7%) eram do sexo feminino. O resultado obtido em relação ao sexo não surpreendeu, uma vez que o sexo feminino é historicamente predominante na profissão da enfermagem, embora venha crescendo o número de profissionais do sexo masculino. O resultado representou também uma proporção semelhante quanto ao número dos enfermeiros do sexo masculino e feminino que trabalham na Instituição.

Com referência ao tempo de formado variou de 1 ano e 9 meses para 22 anos e 3 meses. Este resultado demonstrou a diversidade de tempo de formação dos enfermeiros atuantes nos setores onde os alunos foram alocados. Dois enfermeiros (16,6%) possuem 1 ano e 9 meses de tempo de formado, considerando que é a segunda vez que eles recebem os alunos em Estágio Curricular assim, os primeiros estagiários tiveram acompanhamento de enfermeiros com tempo inferior a 1 ano de formação.

O tempo de trabalho dentro da Instituição na categoria de enfermeiro variou de 1 ano e 3 meses para 13 anos e 8 meses. Vale ressaltar que a Instituição tem como política a promoção interna de profissionais, portanto há enfermeiros que trabalham há mais tempo na Instituição, porém eram registrados em outra categoria profissional da área da enfermagem.

As unidades de trabalho onde os enfermeiros entrevistados receberam os alunos em Estágio Curricular foram diversas. Verificamos que os setores, em sua maioria, dez (83,4%) concentravam-se nas áreas de internação hospitalar, um (8,3%) foi em setor de serviço de diagnóstico e tratamento e um (8,3%) foi no setor de Centro Cirúrgico.

No que se refere à formação profissional, constatamos que dos doze enfermeiros, nove (75,0%) realizaram curso de Pós-Graduação e são especialistas na área de enfermagem. Diante do exposto, podemos apreender que há a preocupação por parte da maioria dos enfermeiros entrevistados que acompanharam alunos em Estágio Curricular em capacitar-se por meio de cursos de Pós – Graduação, buscando atualizar-se por meio de formação específica,

favorecendo o aprimoramento voltado ao cotidiano do processo de trabalho da enfermagem e das atividades exercidas pelo enfermeiro.

Quadro 2 - Distribuição dos enfermeiros segundo a experiência em docência, atividade exercida como docente e a frequência que receberam alunos de enfermagem em Estágio Curricular. São Paulo, 2005.

Identificação	Experiência em docência	Atividade exercida como docente	Frequência que recebeu estagiário (concluídos/ em andamento)
E 01	Sim	A + B + C	2 / 1
E 02	Sim	A	2 / 1
E 03	Não	-	2 / 1
E 04	Sim	B	1 / 1
E 05	Sim	A	2 / 1
E 06	Não	-	2 / 1
E 07	Sim	A	1 / 1
E 08	Sim	A + B	1 / 1
E 09	Sim	C	2 / 1
E 10	Não	-	1 / 1
E 11	Sim	C +D	2 / 1
E 12	Sim	A + C	1

Legenda: A = acompanhamento de alunos de enfermagem em campo de estágio do nível técnico (para auxiliares e/ou técnicos de enfermagem); B = aula teórica para alunos de enfermagem do nível técnico; C= acompanhamento de alunos em campo de estágio para graduação em enfermagem; D = aula teórica para alunos da graduação em enfermagem; - = não acompanhou alunos.

Observamos, em relação a experiência dos enfermeiros em docência, que nove (75,0%), exercem ou exerceram alguma atividade docente, o que constatamos que a maioria tem a vivência de ter participado na formação profissional de alunos de enfermagem. Três (25,0%) dos entrevistados referiram não ter experiência em docência.

Quanto a atividade exercida enquanto docente de enfermagem, verificamos que dos nove (75,0%) que vivenciaram experiência como docente,

cinco (55,6%) tiveram contato com o nível técnico (técnicos e auxiliares de enfermagem), dois (22, 2%) exerceram a atividade de docência para o nível superior de enfermagem e dois (22,2%) tiveram contato tanto com o nível superior como com o nível técnico de enfermagem. Foi verificado também, que de todos os enfermeiros que tiveram a experiência em docência para a enfermagem, oito (88,8%) acompanharam os alunos em estágios.

Apesar de reconhecermos que a experiência de ter acompanhado alunos em estágios como docente seja distinta de acompanhar alunos em sua unidade de trabalho na função de enfermeiro assistencial, acreditamos que esta experiência é válida e de alguma forma pode trazer contribuições importantes no desenvolvimento dos alunos que estagiam na unidade.

Sobre o número de vezes que os enfermeiros receberam os alunos de enfermagem em Estágio Curricular, verificamos que sete (58,3%) acompanharam duas vezes e estavam acompanhando pela terceira vez um estagiário nesta disciplina, cinco (41,6%) acompanharam uma vez e destes somente um enfermeiro não estava acompanhando estagiário pela segunda vez.

Pelos resultados acima, verificamos que os alunos, na maioria das vezes, foram direcionados para os setores em que o enfermeiro já tinha a experiência de acompanhamento de alunos em Estágio Curricular.

5.2 – Apresentação e Discussão dos Dados obtidos nas Entrevistas

Os resultados apresentados a seguir obedeceram a mesma seqüência das questões norteadoras do instrumento utilizado para a coleta de dados. As questões foram consideradas como categorias no processo de análise de conteúdo dos depoimentos.

Para facilitar a compreensão, agrupamos as respostas de cada categoria e apresentamos em forma de quadros com os seguintes itens:

- ❖ **Informante:** os entrevistados foram identificados com a letra “E” seguidos da seqüência numérica em ordem crescente;

- ❖ **Depoimento:** foram transcritas na íntegra as descrições significativas das respostas dos entrevistados referentes a cada categoria;
- ❖ **Síntese do depoimento:** foi extraída a essência dos depoimentos e dispostos em forma de itens.

O Quadro 3 apresenta as percepções que os enfermeiros assistenciais possuem sobre o seu papel na formação dos alunos de graduação em Enfermagem que realizaram Estágios Curriculares em sua unidade de trabalho.

Antes de discorrermos sobre os depoimentos dos entrevistados, vale acrescentar a definição que a literatura apresenta em relação ao papel do enfermeiro.

Com base em estudos realizados por autores na área da psicologia, antropologia, sociologia, administração entre outras, Trevizan (1987) chegou na seguinte definição teórica:

“o papel do enfermeiro é um conjunto de comportamentos que dele se espera quando investido da posição de enfermeiro num sistema social; tal conjunto de comportamentos é fundamentado nos conhecimentos, habilidades e valores da profissão. Deste modo, o papel em questão representa o aspecto dinâmico do status do enfermeiro. O desempenho do papel do enfermeiro, que é determinado por padrões sociais, envolve um processo combinado de: a) estruturas impostas ao comportamento, ou seja, regras que abrangem os direitos e deveres do enfermeiro, visando a sua modelagem para a organização de suas atitudes e do seu comportamento, e de b) participação interativa do enfermeiro com outros indivíduos em situações de enfermagem, como propósito de alcançar as expectativas ligadas ao seu papel”.

Portanto, para discorrermos sobre o papel do enfermeiro, faz-se necessário situarmos esse profissional dentro da estrutura organizacional, com o objetivo de entender que a mesma influencia de maneira direta o trabalhador e o seu trabalho. Fernandes (2000).

Assim, compreendemos que o enfermeiro exerce diferentes papéis de acordo com o sistema e a situação a qual está inserido, e o desempenho de seu papel está relacionado com as expectativas de suas atribuições, seu comportamento, suas atitudes, seu status e a relação com as pessoas a qual ele interage. Portanto, quando o enfermeiro está inserido num contexto de uma instituição hospitalar que tem como característica contribuir com o ensino, ele tem o papel, além de educador da sua própria equipe de enfermagem o papel de participar na formação dos alunos de enfermagem que estagiam em seu local de trabalho e exercer, paralelamente, suas atribuições assistências e gerenciais.

Fávero (1996) aponta em seu estudo as seguintes funções do enfermeiro: assistenciais, administrativas e educativas, destacando que a “função educativa deve ocorrer concomitantemente para o aprimoramento de ambas”.

Acreditamos ser relevante conhecermos a percepção que os enfermeiros assistenciais possuem em relação ao seu papel de formador em um hospital de ensino uma vez que verificamos a complexidade e diversidade que a definição de papel é relatada na literatura.

Quadro 3 – Percepção dos enfermeiros sobre o seu papel na formação dos alunos de graduação em Enfermagem no Estágio Curricular. São Paulo, 2005.

Informante	Depoimento	Síntese
Entrevista 1 (E 1)	<i>“(...) sinto na responsabilidade de estar passando para este aluno tudo o que eu acredito da enfermagem (...) nível de responsabilidade, mostrar pra ele na prática, que o ser enfermeiro, às vezes, é muito mais complexo do que aquilo que agente vê na faculdade em teoria (...) ser como exemplo pra ele, nas atitudes (...) eu acredito que a responsabilidade do enfermeiro é bem maior do que a visão só de ensinar, agente tem que perceber que a gente está fazendo parte da formação deste aluno também, é uma responsabilidade muito grande”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> - passar para o aluno sobre a enfermagem; - mostrar a prática do enfermeiro; - ser exemplo

Entrevista 2 (E 2)	<i>“O meu papel é orientar em relação as rotinas da unidade e com relação aos procedimentos (...)”</i>	- orientar a rotina da unidade e procedimentos;
Entrevista 3 (E 3)	<i>“(...) Bom, eu não acho a minha função importante pra ele, eu acho que pra mim ele tem que seguir o que a escola manda ... eu sinto isso (...) o meu papel acho que eu fico mesmo só na observação”.</i>	- somente observar o aluno, pois ele tem que seguir o que a escola determina;
Entrevista 4 (E 4)	<i>“(...) o meu papel como enfermeiro é de estar auxiliando e encaminhando este aluno na transição dele de aluno para enfermeiro mesmo, é estar mostrando para o aluno, o papel do enfermeiro (...) o meu papel é este, de estar orientando, de estar dando uma luz pra ele seguir mesmo o caminho do enfermeiro (...)”.</i>	- auxiliar na transição do ser aluno para o ser enfermeiro; - mostrar o papel do enfermeiro; - orientar a seguir o caminho do enfermeiro;
Entrevista 5 (E 5)	<i>“(...) passar pra eles as minhas experiências, né! Nosso dia a dia (...) o gerenciamento , o dia a dia de como a gente se organiza. (...) eu acho o meu papel importante não só na parte de experiência profissional como na minha experiência no sentido da emoção”.</i>	- passar a experiência.
Entrevista 6 (E 6)	<i>“O meu papel é o mesmo que do professor, né. Eu tenho que ser um educador pra ele, eu tenho que mostrar o certo e o errado, a qualidade do serviço de enfermagem, (...) como agir em tal situação e mostro como seria agir errado”.</i>	- ser um educador; - mostrar o certo e o errado, como agir em determinada situação;
Entrevista 7 (E 7)	<i>“(...) eu tento passar da melhor maneira a minha experiência pra eles dentro da unidade”.</i>	- passar a experiência.
Entrevista 8 (E 8)	<i>“(...) estar passando a minha vivência do setor, (...) como eu tenho que me comportar na questão da postura, na questão da liderança, ser mais flexível ou não, de estar dialogando com a equipe multidisciplinar (...)”.</i>	- passar a vivência; - demonstrar o comportamento, a postura, a liderança; - dialogar com a equipe multidisciplinar.
Entrevista 9 (E 9)	<i>“(...) passar toda a experiência, dar toda a liberdade para o aluno estar aproveitando a chance de estar atuando como enfermeiro mesmo”.</i>	- passar a experiência; - dar liberdade para o aluno aproveitar a chance de atuar como enfermeiro.

Entrevista 10 (E 10)	<i>“Eu acredito que o papel do enfermeiro (...) seja bastante importante na formação do estagiário, (...) enquanto enfermeiros assistenciais nós temos uma vivência, uma experiência realmente na prática, que é uma experiência que a gente pode estar passando para o aluno que eu acredito que seja importante pra ele que não tem essa vivência, não tem essa prática. (...)”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> - passar a vivência; - passar a experiência da prática.
Entrevista 11 (E 11)	<i>“(...) como educadora mesmo, (...) e eu acho que eu devo ser um exemplo pra ele”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> - ser educadora; - ser exemplo.
Entrevista 12 (E 12)	<i>“(...) ele desenvolve vários papéis: o primeiro é como exemplo da sua postura, o segundo é a passagem do seu conhecimento técnico, passagem da sua experiência profissional e serve como um balanço que a pessoa faz. (...) eu acho que é assim o enfermeiro da unidade tem papel muito importante para este estagiário curricular vide que é ele quem acompanha o aluno em 99% do seu tempo”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> - ser exemplo de postura; - passar o conhecimento técnico; - passar a experiência profissional;

No Quadro 3, observamos os aspectos referentes à percepção dos enfermeiros assistenciais em relação ao seu papel profissional junto aos alunos em Estágio Curricular.

Constatamos a preocupação dos enfermeiros em transmitir a sua experiência para o aluno (E5, E7, E9, E10, E12), passar sua vivência (E8, E10), mostrar a prática (E1); ser exemplo, demonstrar o papel do enfermeiro, esclarecer o certo e o errado, como agir em determinadas situações, mostrar o comportamento, a postura (E1, E4, E6, E8, E11, E12).

Estes depoimentos denotaram a preocupação dos enfermeiros em transmitir a sua experiência prática e ser exemplo, modelo de profissional para os alunos de enfermagem.

Na perspectiva de Backes (1999) o papel do enfermeiro assistencial no Estágio Curricular é de “mediador” para que o aluno, gradativamente, vá assumindo funções e atribuições que o próprio profissional enfermeiro desenvolve, oportunizando uma vivência real e concreta do cotidiano do seu trabalho na instituição de saúde.

Há enfermeiros que explicitaram não só a importância do seu papel como enfermeiro assistencial da prática, mas também como educador, como professor, como orientador (E2, E6, E11), lembrando que a função educativa do enfermeiro deve ocorrer concomitantemente com as suas atividades assistenciais e gerenciais.

No discurso E8, verificamos a fala sobre um dos papéis do enfermeiro: “*dialogar com a equipe multidisciplinar*”. Observamos com este relato, a preocupação do enfermeiro em ser o elo de ligação entre a equipe e o aluno, facilitando o interrelacionamento de ambos. Esta fala é importante, pois o enfermeiro é o profissional que mantém, dentro da unidade de trabalho, o relacionamento com todos os membros da equipe multiprofissional e facilita a interação entre o aluno e os demais profissionais, favorecendo assim um ambiente mais acolhedor ao aluno durante o período de estágio na unidade.

No estudo de Ferrari (2002), a autora coloca em seus resultados que os alunos apontaram o valor do acolhimento da equipe multiprofissional como facilitador da aprendizagem em campo de estágio.

Segundo Ângelo (1989), quanto mais acolhedor o contexto onde se realiza a aprendizagem prática, mais positiva é a experiência do aluno.

Na declaração (E9), o enfermeiro relatou que um de seus papéis é “*dar liberdade para o aluno aproveitar a chance de atuar como enfermeiro*”. Este discurso demonstra a importância do Estágio Curricular, por ser a última disciplina que o aluno desenvolve na graduação em enfermagem, é essencial, que neste momento, ele se aproxime o máximo possível da realidade do ser enfermeiro.

Suporte significativo para essa forma de pensar é encontrado no estudo de Rodrigues (2000), que apresenta em seus resultados que os alunos manifestaram-se satisfeitos de serem considerados como enfermeiros em campo de estágio, atuando e participando ativamente nas atividades do setor, sendo possível perceber, durante o estágio, o desempenho real do papel do profissional enfermeiro. O autor acrescenta ainda que, na percepção dos estagiários sempre há algo a aprender e que, a verdadeira aprendizagem ocorre durante o estágio, onde

se visa propiciar o desenvolvimento da autonomia do aluno, em situação real de trabalho.

Os discursos dos enfermeiros coincidiram com o relato de Tronchin (1998), onde há a afirmação de que o contato do graduando com a realidade que vivencia o enfermeiro assistencial permite que este conheça e identifique as atividades que permeiam a prática assistencial e a maneira de ser e fazer enfermagem.

O estágio é uma estratégia de ensino que coloca o aluno em confronto com situações reais, o aluno fica diante de uma situação de fato, na qual deve agir como um profissional, ao invés das situações teorizadas e simuladas pelo professor na sala de aula ou laboratório. Fernandes (1998).

Nos depoimentos dos enfermeiros descritos no Quadro 3, verificou-se, de modo geral, que os participantes deste estudo reconheceram a importância do enfermeiro assistencial na formação dos alunos de enfermagem em estágio, com exceção de um enfermeiro (E3), com a seguinte fala *“(...) eu não acho a minha função importante pra ele, eu acho que pra mim ele tem que seguir o que a escola manda (...) o meu papel acho que eu fico mesmo só na observação”*. Na concepção deste enfermeiro, o papel do enfermeiro é somente observar o aluno, pois o mesmo deve realizar atividades e ter atitudes conforme a orientação da escola. Este relato nos mostra a necessidade dos enfermeiros serem orientados e esclarecidos em relação ao seu papel e a sua importância para os alunos no desenvolvimento dos estágios.

Durante a disciplina Estágio Curricular, o desenvolvimento das atividades dos alunos devem ser acompanhados e supervisionados pelo docente e pelo enfermeiro assistencial para oferecer ao aluno um “feedback”, ajudá-lo a refletir, prepará-lo para uma ação profissional, ajudá-lo aplicar a teoria à prática e, para tanto é importante e fundamental o comprometimento, a participação e a preocupação do enfermeiro juntamente com o docente para prepará-lo a enfrentar a transição do ser aluno para o ser enfermeiro.

Diante das percepções apresentadas pelos enfermeiros e a complexidade do significado de papel relatada por Trevizan (1987), acreditamos que seja importante não haver conflitos e divergências entre a concepção de papel que o

enfermeiro assistencial possui e o desenvolvimento do papel que os alunos e a instituição de ensino esperam do enfermeiro durante a formação do aluno. É necessário ter consenso e coerência entre expectativas e ações, para que cada elemento participativo nessa formação desempenhe com eficiência o seu papel.

Com base no quadro a seguir, discutiremos a influência do estagiário de enfermagem na unidade de trabalho, segundo a percepção dos enfermeiros assistenciais.

Quadro 4 – A influência do aluno de Enfermagem em Estágio Curricular na unidade onde realiza a disciplina. São Paulo, 2005.

Informante	Depoimento	Síntese
<i>Entrevista 1 (E 1)</i>	<i>“É uma influência positiva (...) eles trazem a experiência da faculdade (...) e até pra gente estar vendo e procurando se atualizar (...)”.</i>	- influência positiva; - traz experiência da faculdade; - incentivo para atualização.
<i>Entrevista 2 (E 2)</i>	<i>“ (...) a influência dela pra unidade, talvez nem tanto, mas pra mim, como enfermeira, ela tem me ajudado bastante, tem sido um braço direito pra mim”.</i>	- ajuda bastante, tem sido o braço direito.
<i>Entrevista 3 (E 3)</i>	<i>“A equipe gosta de ter mais um pra reforçar a equipe (...) eu acho assim, ele é bem vindo, é uma influência positiva na enfermagem”.</i>	- reforça a equipe; - influência positiva.
<i>Entrevista 4 (E 4)</i>	<i>“Depende do aluno (...) então assim... no momento eu estou acompanhando uma estagiária que a presença dela na unidade faz com que as atividades fluem muito bem, tudo flui muito bem com esta aluna, já outros, a presença deles não modifica nada o andamento da unidade, é indiferente.”.</i>	- depende do aluno. Há alunos em que as atividades fluem muito bem, e outros a presença é indiferente;
<i>Entrevista 5 (E 5)</i>	<i>“(...) essa influência é pra mim sempre muito positiva. É uma troca legal que eu estou tendo com eles. (...) eles ajudam muito! Eles sempre trazem idéias novas. (...) Sempre proveitoso!”.</i>	- influência positiva; - é uma troca; - ajudam muito; - trazem idéias novas;
<i>Entrevista 6 (E 6)</i>	<i>“Ele traz as novidades pra unidade (...)”.</i>	- traz novidades pra unidade;
<i>Entrevista 7 (E 7)</i>	<i>“(...) a influência depende de aluno pra aluno, mas assim pela experiência que eu tive, traz assim, mais tranquilidade no caso dos próprios funcionários, porque ele ajuda bastante, se interessa bastante, ajuda bastante”.</i>	- depende do aluno; - ajuda bastante; - é uma influência positiva;

	<i>em todos os aspectos, então pra mim é uma influência bastante positiva”.</i>	
<i>Entrevista 8 (E 8)</i>	<i>“Para mim a influência que ele traz é o conhecimento, eu consigo através dele trazer coisas novas pro setor, estar me atualizando (...) é uma boa influência que ele traz da faculdade para o setor que eu trabalho”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> - traz conhecimento; - traz coisas novas para o setor; - traz atualização; - é uma boa influência.
<i>Entrevista 9 (E 9)</i>	<i>“A influência do estagiário, traz mais preocupação para a enfermeira, porque é mais uma pessoa pra você estar observando, você deixa a vontade o aluno, mas não pode deixá-lo sem a sua supervisão, (...) pro enfermeiro da unidade, traz mais preocupação, é mais um ser preocupante ali dentro”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> - traz mais preocupação para a enfermeira; - mais uma pessoa para observar.
<i>Entrevista 10 (E 10)</i>	<i>“(...) este aluno acaba sendo uma boa influência, este aluno traz as atualidades para o enfermeiro e para a unidade, então eu acabo vendo da seguinte forma: é uma troca, não é só o enfermeiro que está aqui dentro do setor que está passando alguma coisa para este aluno, este aluno também está trazendo a vivência dele enquanto graduando para o enfermeiro dentro da Instituição que está acompanhando ele como estagiário, então acho bastante importante, uma influência bastante positiva”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> - boa influência; - traz atualidades; - é uma troca; - influência importante e positiva;
<i>Entrevista 11 (E 11)</i>	<i>“Eu acho que se ele for bem treinado pelo enfermeiro, ele acaba contribuindo, tanto na parte técnica como na parte administrativa e na parte também de mudanças, levantamento de problemas, alguns problemas que a gente tem eles podem levar para a universidade, discutir, trazer nova literatura, então eu acho que neste sentido ele influencia bem positivamente”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> - contribuição na parte técnica, administrativa e nas mudanças e no levantamento de problemas; - levar problemas da prática para a universidade para serem discutidos; - traz novas literaturas; - é uma influência positiva.
<i>Entrevista 12 (E 12)</i>	<i>“A influência é positiva (...) o estagiário traz críticas, sugestões e tende sempre a melhorar a rotina e o andamento da unidade em si, então a influência do estagiário é sempre positiva. (...)”.</i>	<ul style="list-style-type: none"> - influência positiva; - traz críticas, sugestões; - melhora a rotina e o andamento da unidade;

O Quadro 4 nos mostra a percepção dos enfermeiros em relação à influência dos alunos de enfermagem nas unidades de trabalho durante os

estágios curriculares. Podemos constatar que a maioria dos enfermeiros relatou que os alunos trazem uma “boa influência”, uma influência positiva e importante (E1, E3, E5, E7, E8, E10, E11, E12). Os enfermeiros justificaram o aspecto positivo da influência dos alunos, pelo fato de muitos trazerem o conhecimento adquirido nas escolas e fatos atuais da enfermagem, possibilitando a troca de conhecimentos e idéias (E1, E5, E6, E8, E10, E11), ajudam e contribuem no andamento do serviço do enfermeiro e da equipe de enfermagem (E2, E3, E5, E7, E11, E12), trazem idéias novas, novidades para a unidade, novas literaturas, críticas e sugestões (E1, E5, E6, E8, E10, E11, E12).

Neste sentido, podemos constatar nas falas dos enfermeiros, que o aluno é bem vindo, é bem recebido pela maioria deles, e verificamos também, que alguns alunos que estagiam nas unidades trazem as atualidades e conhecimentos adquiridos na faculdade para o campo de estágio, favorecem a troca de idéias entre os serviços, possibilitando o estreitamento da relação entre o conteúdo teórico oferecido pela escola e a prática do serviço de enfermagem.

Dos doze entrevistados, foi encontrado somente um relato desfavorável sobre a influência do aluno na unidade, que o enfermeiro (E9) afirma que a presença do aluno traz preocupações e mais atribuições para o enfermeiro assistencial: “*traz mais preocupação para a enfermeira, porque é mais uma pessoa pra você estar observando*”. Percebemos neste discurso que o enfermeiro demonstrou insegurança ao acompanhar o aluno em estágio.

Houve também discursos que os enfermeiros (E4, E7) destacaram a influência do aluno na unidade dependendo das características que este apresenta, como na fala: “*a influência depende de aluno para aluno*”. Verificamos relevância significativa nestes depoimentos, uma vez que compreendemos que a influência positiva ou negativa com a presença do estagiário em campo da prática dependerá também do interesse e desempenho deste aluno no desenvolvimento do Estágio Curricular.

Segundo Bousso (2000), para o aluno ter um discernimento adequado da relação teoria e prática gerando um aproveitamento satisfatório do estágio e uma contribuição e influência positiva para a unidade onde ele realiza o estágio são

necessários o envolvimento efetivo de três personagens: o aluno, o docente e o enfermeiro.

A autora acima relata ainda que o aluno, o docente e o enfermeiro assistencial devem envolver-se ativamente, cada um exercendo distintamente o seu papel. Ao aluno cabe participar efetivamente do processo de transição do ser estudante para o ser profissional, aproveitando, observando e aprendendo as atividades e oportunidades que estão sendo vivenciadas durante o estágio, o aluno é o principal agente de sua aprendizagem, enquanto o docente e o enfermeiro assistencial têm o papel de estimular e facilitar a aprendizagem.

No quadro a seguir, discutiremos a percepção dos enfermeiros quanto aos fatores que facilitam o desenvolvimento de suas atividades na presença do aluno.

Quadro 5 – Percepção dos enfermeiros quanto aos fatores facilitadores no desenvolvimento de suas atividades com a presença do aluno. São Paulo, 2005.

Informante	Depoimento	Síntese
<i>Entrevista 1</i> (E 1)	<i>“ele pode nos ajudar em muitas coisas dentro da unidade, só que agente não pode perder de vista que não é a responsabilidade dele assumir tudo... ele não tem totalmente a responsabilidade de assumir algumas coisas sou eu quem tem que desenvolver... ele pode estar me ajudando e agente trocando experiência”.</i>	- ajuda em muitas coisas dentro da unidade; - troca de experiência.
<i>Entrevista 2</i> (E 2)	<i>“(...) eu já tive com outros alunos que não foram excelentes que pelo contrário, ao em vez de ajudar eles me prejudicavam (...) então eu vou falar por esta que está agora.... ajuda bastante, ela tem iniciativa, procura encaminhar os pacientes para os exames, ela tem me ajudado muito mesmo, então depende do aluno, é difícil falar por todos, esta que está lá agora sim, mas já tive alunos lá que em vez de ajudar só atrapalhou.”</i>	- depende do aluno, alguns em vez de ajudar prejudicam, alguns ajudam bastante.
<i>Entrevista 3</i> (E 3)	<i>“(...) Não, eu não sinto que me facilita em nada... embora eles me ajudem o SAE, né, mas eu não sei... eu não sinto aquela pessoa que</i>	- não facilitam em nada, embora ajudem na SAE; - não traz maiores

	<i>possa me trazer maiores recursos pra mim”.</i>	recursos.
<i>Entrevista 4 (E 4)</i>	<i>“ sim, ele traz facilidades pra gente no setor sim, (...) eles me ajudam muito quanto a realização dos SAEs, (...) também outro fator que facilita muito é no gerenciamento da unidade (...) eu coloco o aluno pra gerenciar junto comigo mesmo. Então isso me ajuda muito”.</i>	- traz facilidades; - ajudam na realização da SAE; - ajudam no gerenciamento da unidade.
<i>Entrevista 5 (E 5)</i>	<i>“Elas me ajudam muito, (...) Fazem anotação de enfermagem. Fazem anotação no nosso caderno de supervisão. Elas fazem tudo! (...) Realmente elas assumem aquele papel do setor de tanto gerenciar como de dar assistência e a parte de aprender”.</i>	- ajudam muito; - fazem anotação de enfermagem, fazem de tudo; - ajudam no gerenciamento, na assistência e no aprendizado.
<i>Entrevista 6 (E 6)</i>	<i>“(...) ele ajuda, né. Apesar da gente gastar mais tempo conversando com ele, ele ajuda no SAE, ajudam numa intercorrência, então acaba sendo quase um outro enfermeiro junto com você, pra mim ajuda”.</i>	- ajudam na SAE, numa intercorrência; - acaba sendo quase mais um enfermeiro.
<i>Entrevista 7 (E 7)</i>	<i>“Sim (...) me ajuda a fazer o SAE, faz a entrevista com o familiar, que isto é uma coisa bem difícil pra gente, mas assim, no geral me facilita bastante sim”.</i>	- ajuda a fazer a SAE; - facilita bastante.
<i>Entrevista 8 (E 8)</i>	<i>“Sim, ele traz muitos fatores facilitadores (...) eu consigo dividir as tarefas (...) e com isso eu tenho mais tempo com os pacientes, com algumas outras atividades administrativas que até então o tempo é curto, e com ele eu consigo prolongar o meu tempo, eu consigo desenvolver muito mais atividades dentro do setor”.</i>	- traz muitos fatores facilitadores; - dividir tarefas; - o enfermeiro consegue desenvolver mais atividades dentro do setor, ficar mais tempo com os pacientes;
<i>Entrevista 9 (E 9)</i>	<i>“Traz facilidades, mas depende muito do aluno, se o aluno tiver interesse, se interar com a unidade, tiver vontade de aprender, tiver fazendo isso por vocação por interesse de estar aprendendo alguma coisa, ele traz vantagens. Você pode estar delegando funções que ele pode estar fazendo”.</i>	- traz facilidades, mas depende do aluno;

<p><i>Entrevista 10</i> (E 10)</p>	<p><i>“(...) ele acaba sendo um ajudante, auxilia o enfermeiro, enfim, ele consegue resolver vários problemas (...) Ele consegue facilitar bastante o serviço do enfermeiro, ele tem bastante resolutividade”.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - auxilia o enfermeiro; - facilita bastante o serviço do enfermeiro, pois ele resolve problemas e tem resolutividade.
<p><i>Entrevista 11</i> (E 11)</p>	<p><i>“Sem dúvida. Mas assim, ele só vai trazer fatores facilitadores se ele for bem treinado pelo enfermeiro, (...) então se o enfermeiro tratar ele com indiferença o desenvolvimento do aluno vai ser muito difícil no campo de estágio, então eu acho que o meu papel enquanto enfermeira é fundamental. Ele facilita na minha função enquanto enfermeira do dia a dia (...)”.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - o aluno só traz fatores facilitadores se for bem treinado pelo enfermeiro; - facilita na função do enfermeiro.
<p><i>Entrevista 12</i> (E 12)</p>	<p><i>“Trazem fatores facilitadores sim (...) ele ajuda em todos estes aspectos dentro da unidade. Seja ele nos aspectos administrativos, assistenciais, de pesquisa, enfim em qualquer aspecto ele ajuda desde que o enfermeiro motive para tal também”.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - trazem fatores facilitadores; - ajuda nos aspectos administrativos, assistenciais e pesquisa, desde que o enfermeiro motive para tais aspectos.

Neste Quadro 5, podemos observar que a maioria dos enfermeiros afirmou que os alunos de enfermagem em Estágio Curricular facilitam o desenvolvimento do trabalho diário do enfermeiro assistencial e auxiliam em suas atividades (E1, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E11, E12).

Dos fatores facilitadores relatados pelos enfermeiros, podemos perceber que o profissional considerou o aluno como uma pessoa que auxilia em seu trabalho diário, principalmente na aplicação da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) (E4, E6, E7); na troca de experiência e aprendizado sobre os aspectos referentes ao cuidado de enfermagem (E1, E5); no gerenciamento da unidade (E4, E5, E12); na assistência direta ao paciente (E5, E12); na realização de pesquisa em enfermagem (E12).

Os discursos relatados pelos enfermeiros apontam para a importância do aluno de enfermagem aprender fazendo, compreendendo o significado do fazer e vivenciar as atividades exercidas pelos enfermeiros.

Para o preparo da transição do ser aluno para o ser enfermeiro é importante que o graduando esteja disposto a auxiliar o profissional a executar as ações que competem ao enfermeiro, a desenvolver habilidades, a aprimorar o conhecimento e aproveitar as oportunidades de aprendizado que o enfermeiro assistencial oferece no período em estágio.

Emergiram das entrevistas dois discursos (E2, E9) onde foram relatados que a existência de fatores facilitadores com a presença do estagiário de enfermagem na unidade depende do aluno, ou seja, para estes enfermeiros o perfil do aluno, seu interesse e sua iniciativa são fatores que determinarão se eles trarão ou não facilidades para o desenvolvimento de suas atividades.

Em contra partida, houve discursos em que os enfermeiros relataram que as facilidades proporcionadas pelos alunos irão depender da orientação e motivação do enfermeiro da unidade, o que observamos nas seguintes falas: *“o aluno só traz fatores facilitadores se for bem treinado pelo enfermeiro”, “ajuda nos aspectos administrativos, assistenciais e pesquisa, desde que o enfermeiro motive para tais aspectos”*. Estes relatos foram importantes no sentido de observarmos que os enfermeiros possuem também a percepção de que os fatores facilitadores com a presença do aluno na unidade também dependerão de sua interação e atitudes com o mesmo.

Observamos, entre os entrevistados, o discurso de um enfermeiro (E3) que o aluno não traz facilidades e nem outros recursos para ele, conforme a seguinte fala: *“eu não sinto que me facilita (...) eu não sinto aquela pessoa que possa me trazer maiores recursos para mim”*. Podemos verificar que existe enfermeiro que não considerou o aluno como uma pessoa que possa contribuir no desenvolvimento de suas atividades diárias.

Do mesmo modo que constatamos que a presença dos alunos proporciona fatores facilitadores para o trabalho diário do enfermeiro assistencial, verificamos também, que os alunos trazem dificuldades, representados no Quadro 6.

Quadro 6 – Percepção dos enfermeiros quanto às dificuldades para o desenvolvimento das suas atividades com a presença do aluno. São Paulo, 2005.

Informante	Depoimento	Síntese
<i>Entrevista 1</i> (E 1)	<i>“O que dificulta um pouco são as atribuições da gente (...) nem sempre há tempo hábil (...) para parar e discutir técnicas por técnicas, atitudes por atitudes com ele (...) mas é o que dificulta é o próprio tempo que agente não tem (...)”.</i>	- falta de tempo.
<i>Entrevista 2</i> (E 2)	<i>“No começo quando eles iniciam o estágio acaba até atrapalhando porque você perde um tempão (...) para explicar pra eles a rotina da unidade (...) No começo, desprende tempo pra estar explicando a rotina da unidade”.</i>	- perda de tempo no início para explicar a rotina da unidade;
<i>Entrevista 3</i> (E 3)	<i>“Não, eu não acho dificultador (...) até agora eu não tive nenhum problema com o aluno (...)”</i>	- não tem dificultador; - não tem problema com o aluno.
<i>Entrevista 4</i> (E 4)	<i>“No estágio curricular isto depende do aluno (...) às vezes dificulta, às vezes não (...) a parte teórica deixa muito a desejar, então eu tenho que explicar muita coisa (...)”.</i>	- depende do aluno; - a parte teórica deixa muito a desejar; - necessidade de explicar muita coisa.
<i>Entrevista 5</i> (E 5)	<i>“(...) as dificuldades que elas passam pra mim é só uma questão de falta de tempo, se eu tivesse um tempo um pouco maior não teria tanta dificuldade, que qual é a minha dificuldade de parar, dar atenção e orientação pra elas pelo pouco tempo que tenho, não que eu não goste de fazer”.</i>	- falta de tempo, dificuldade de parar, dar atenção e orientação.
<i>Entrevista 6</i> (E 6)	<i>“Só quando o aluno não tem iniciativa. (...) O aluno precisa ter principalmente iniciativa. Outro fator que dificulta, é a falta de funcionários, muitos pacientes sob a responsabilidade da gente”.</i>	- quando o aluno não tem iniciativa; - falta de funcionários; - muitos pacientes.

<i>Entrevista 7 (E 7)</i>	<i>“Só se a pessoa não tiver realmente interesse (...)”.</i>	- falta de interesse do aluno.
<i>Entrevista 8 (E 8)</i>	<i>“Pra mim eles não me dificultam em nada (...)”</i>	- não dificulta em nada.
<i>Entrevista 9 (E 9)</i>	<i>“Se o aluno for desligado (...) então ele traz só problema, porque é mais um ser pra você estar observando, se preocupando e ele não está colaborando com você em nada”.</i>	- se o aluno for desligado ele só traz problema, pois se torna mais um para observar.
<i>Entrevista 10 (E 10)</i>	<i>“(...) Eu diria que assim, a equipe multiprofissional no primeiro instante né, quando o aluno vem, tem aquele período, aquele intervalo de tempo de adaptação (...)”.</i>	- adaptação da equipe multiprofissional.
<i>Entrevista 11 (E 11)</i>	<i>“(...) quando o aluno chega eu estou com a unidade muito cheia, muitos problemas pra resolver, fica difícil dar as orientações iniciais, fica muito complicado de fornecer a base pra ele aí passa a ser um fator dificultador (...)”.</i>	- falta de tempo para realizar as orientações iniciais; - unidade cheia; - muitos problemas para resolver.
<i>Entrevista 12 (E 12)</i>	<i>“ (...) os fatores dificultadores eram o excesso de pacientes na qual você às vezes não tinha muito tempo para dar atenção adequada para este aluno então é ...falta de tempo para discussão de casos, falta de tempo pra você estar sentando e até realizar a SAE juntos, então o que dificulta mais o aluno lá no PS Cirurgia é a falta de tempo pro enfermeiro devido ao excesso de pacientes que tem dentro da unidade”.</i>	- excesso de pacientes; - falta de tempo;

Como fatores dificultadores para o desenvolvimento das atividades diárias do enfermeiro com a presença dos alunos em estágios, emergiram dos discursos qualificações positivas, sendo apontados pelos enfermeiros (E3, E8) que a presença do aluno não dificulta o andamento das atividades em suas unidades de trabalho, como podemos observar nas seguintes falas: *“Não, eu não acho dificultador (...) até agora eu não tive nenhum problema com o aluno (...)”*; *“Pra mim eles não me dificultam em nada (...)”*.

Foram observados quatro depoimentos (E4, E6, E7, E9) onde os enfermeiros afirmam que as dificuldades no desenvolvimento das atividades da unidade têm relação com o comportamento e a característica de cada aluno. Caso o aluno não tenha interesse (E7), se for desligado (E9) e sem iniciativa (E6) traz dificuldades para o desenvolvimento das atividades diárias do enfermeiro.

Mucci (1999) fundamentado em Belasco (1996) afirma que muitas vezes, o aluno não se detém para refletir sobre sua formação e sobre as atitudes adotadas em campo de estágio, situações estas que poderão interferir no processo de ensino aprendizagem. Assim, o aluno nem sempre percebe que o seu comportamento e as suas atitudes têm relação direta com o seu aprendizado e com as oportunidades que lhe são oferecidas pelos profissionais do campo de estágio.

Segundo Manzolli (1980) por trás de uma dificuldade de aprendizado do aluno, subjazem várias situações: problemas familiares, problemas de saúde, expectativas frustradas, experiências anteriores desagradáveis, medos, ansiedades, dificuldades de relacionamento entre outras, e estas circunstâncias que envolvem a vida do aluno podem passar despercebidas aos docentes, visto que, o acompanhamento deles durante o Estágio Curricular é indireto pela própria proposta da disciplina.

Se o docente tomar conhecimento das dificuldades vivenciadas tanto pelos enfermeiros como pelos alunos, provavelmente teria maiores condições de analisar, direcionar o ensino e proporcionar um adequado aproveitamento do estágio.

Dos enfermeiros que relataram dificuldades no desenvolvimento do seu trabalho com a presença dos alunos, podemos observar que os relatos convergem muitas vezes na questão do tempo disponível do enfermeiro assistencial em acompanhar e orientar o aluno como podemos verificar nas seguintes declarações dos entrevistados (E1, E2, E5, E12) *“o que dificulta é o próprio tempo que agente não tem”*, *“desprende tempo pra estar explicando a rotina da unidade”*, *“as dificuldades que elas passam pra mim é só uma questão de falta de tempo”*,

“ a falta de tempo pro enfermeiro devido ao excesso de pacientes que tem dentro da unidade” .

Outros enfermeiros atribuem a dificuldade pela falta de funcionários no setor (E6), pela unidade estar muito cheia de pacientes (E6, E11, E12), pela deficiência de conhecimento teórico do aluno (E4), pela adaptação da equipe multiprofissional (E8) e pelo quantitativo de problemas para o enfermeiro resolver (E11).

Observamos que as dificuldades relatadas pelos enfermeiros são diversas, e muitas vezes têm a influência do contexto organizacional da instituição a qual eles estão inseridos. Pelo volume de tarefas inadiáveis, o enfermeiro, muitas vezes, tem dificuldade em exercer o seu papel de educador e orientador na formação dos alunos de enfermagem em estágios.

Em diversos estudos realizados sobre o papel do enfermeiro, é evidente que a característica do enfermeiro da Instituição em estudo é semelhante aos resultados da pesquisa realizada por Fernandes (2000), o qual retrata a distribuição percentual de atividades desempenhadas pelos enfermeiros de um hospital- escola:

- Atividades administrativas = 43,4%
- Atividades assistenciais = 32,8%
- Atividades de ensino/ pesquisa = 3,3%
- Outras atividades = 20,6%

Portanto, se compararmos o percentual das atividades exercidas pelos enfermeiros, é possível verificar o quanto é restrito o tempo dedicado às atividades de ensino, mesmo considerando um hospital escola. Assim, é possível compreender os relatos que emergiram dos enfermeiros em relação as suas dificuldades com o tempo disponível para acompanhar os alunos em estágio.

No Quadro a seguir apresentaremos a percepção que os enfermeiros assistenciais possuem em relação a estrutura do estágio curricular desenvolvido em sua unidade de trabalho:

Quadro 7 – A percepção dos enfermeiros sobre a estrutura do Estágio Curricular. São Paulo, 2005.

Informante	Depoimento	Síntese
<i>Entrevista 1 (E 1)</i>	<i>“(...) a estrutura está bem montada, este ano melhorou bastante eu acho que agora tem um professor direcionado só pra isso, ele tem vindo freqüentemente tem conversado com a gente, conversado com os alunos (...)”.</i>	- está bem montada, pois tem um professor direcionado só para isso.
<i>Entrevista 2 (E 2)</i>	<i>“Eu acho que os professores deles deveriam ser mais atuantes (...) eu acho que o professor deveria criar alguma forma de estar controlando a assiduidade e a pontualidade dos alunos e não atribuir isto ao enfermeiro da unidade que já está sobrecarregado (...)”.</i>	- professores deveriam ser mais atuantes, deveriam controlar a assiduidade e pontualidade dos alunos.
<i>Entrevista 3 (E 3)</i>	<i>“eu acho assim um pouco defasado (...) os alunos chegam após a passagem de plantão, então eu acho que eles ficam meio sem rumo, então eu acho que deveria ter um horário fixado que ajudem eles a pegarem e passarem o plantão (...) meu problema é esse, eles não pegam o plantão (...) acho que não é completada a carga horária de quase 500 horas, eu acho que fica um pouco pendente esta carga horária (...)”</i>	- um pouco defasado, pois os alunos chegam após a passagem de plantão e ficam meio sem rumo; - pendência da carga horária.
<i>Entrevista 4 (E 4)</i>	<i>“A estrutura do estágio curricular ela... aqui pra mim, dificulta um pouco (...) o aluno não pega o plantão junto com o enfermeiro, então isto é uma coisa que dificulta né... ele não consegue acompanhar todo o processo de trabalho desde a hora que começa, então se ele não pega o plantão junto com o enfermeiro ele fica meio perdido, aí, eu tenho que depois passar o plantão para o aluno já é uma coisa que dificulta né. (...)”.</i>	- a estrutura dificulta, pois o aluno não acompanha todo o plantão, desde o começo, junto com o enfermeiro;
<i>Entrevista 5 (E 5)</i>	<i>“(...) Eu só sinto um pouco de falta assim, às vezes, eu gostaria que os docentes fossem mais ao setor (...) Eu sinto só que eles deveriam me dar mais apoio, no sentido de saber também se</i>	- docentes deveriam ir mais ao setor; - dar mais apoio e orientação ao

	<i>eu estou fazendo certo. Eles nunca vêm, nunca me questionaram se é pra fazer desta maneira ou de outra maneira, eu acho que só isso, nesta estrutura toda falta um pouco a presença deles pra até saber se eu to fazendo certo (...)</i> ”.	enfermeiro;
<i>Entrevista 6 (E 6)</i>	<i>“Olha, é boa, tem os professores que acompanham (...) quase todos os dias, tirando as dúvidas”.</i>	- boa, pois os professores acompanham quase todos os dias.
<i>Entrevista 7 (E 7)</i>	<i>“(...) O tempo do estágio é válido, principalmente quando ele se interessa e ocupa o tempo todo, como vem acontecendo neste dois casos”.</i>	- o tempo do estágio é válido.
<i>Entrevista 8 (E 8)</i>	<i>“Boa, estas 500 horas, eles estarem todos os dias, tendo o comprometimento de estarem chegando no horário certo, tendo a questão de dentro da faculdade do professor estar na supervisão, de estar discutindo como é que está este aluno no campo de estágio. Esta estrutura pra mim é boa”.</i>	- boa em relação a duração e a supervisão do professor;
<i>Entrevista 9 (E 9)</i>	<i>“A estrutura é relativamente boa, traz experiência pro enfermeiro estar acompanhando o aluno, a carga horária é boa porque o aluno passa quase seis meses dentro da unidade né, e a visita do professor, mesmo sendo à distância, qualquer problema a gente tem a facilidade de estar entrando em contato com ele, qualquer problema está dando a assistência, quanto a isso a gente está bem assistido”.</i>	- boa; - traz experiência para o enfermeiro; - a carga horária e a visita do professor são boas.
<i>Entrevista 10 (E 10)</i>	<i>“Acho ótimo que tenha nesse estágio esse período mais longo do que os outros estágios normais, com este intervalo de tempo bem maior ele consegue desenvolver este estágio como se já fosse um enfermeiro (...) ser acompanhado pelo enfermeiro do próprio setor, eu acredito que seja bastante positivo, também (...)</i> ”.	- ótimo o período mais longo; - acompanhamento do enfermeiro do setor é bastante positivo.
<i>Entrevista 11 (E 11)</i>	<i>“eu acho que é ótimo, principalmente para o aluno porque ele passa um período longo, período de 4 a 5 meses, que se ele souber aproveitar se tiver bastante interesse e iniciativa ele vai sair com uma base muito boa e pra nós também é muito bom porque ele tem um vínculo com a unidade, onde ele acompanha desde o</i>	- ótimo; - período longo de estágio é bom para o aluno e para o setor.

	<i>início até o fim, então ele acaba atuando mesmo como se fosse um profissional da unidade”.</i>	
<i>Entrevista 12 (E 12)</i>	<i>“A estrutura é boa em termos de carga horária e seqüência (...)”.</i>	- boa em termos de carga horária e seqüência.

A Instituição, campo de estudo, recebe alunos de graduação da disciplina de Estágio Curricular há pouco tempo, e dentro deste período verificamos que a maioria dos enfermeiros relatou uma percepção positiva da estrutura da disciplina, como observamos nas seguintes falas: *“boa estrutura”, “é bem montada”, com “carga horária adequada”, “com boa supervisão do professor”* (E1, E6, E7, E8, E9, E10, E11, E12).

Dos entrevistados, dois enfermeiros (E2, E5) relataram que os professores deveriam ser mais atuantes e presentes na unidade, fornecerem maior apoio e orientação aos enfermeiros. Nestes discursos observamos que, apesar da maioria dos enfermeiros relatarem *“boa”* estrutura do Estágio Curricular, há discursos que denotam pouca participação efetiva dos docentes em campo de estágio.

Costa (1997), ao analisar os discursos dos docentes supervisores de estágios, evidenciou que um número elevado de alunos por docente em campo de estágio interfere na qualidade do ensino, na medida em que sobrecarrega o docente que não pode oferecer a atenção necessária a cada aluno, discutir questões e dar orientações aos enfermeiros assistenciais.

Na concepção de Fortes (2001), quando o aluno tem um acompanhamento *“mais direto”, “mais constante”* do docente supervisor do estágio, o seu aprendizado, o seu interesse e o seu desempenho melhoram.

Em relação ao suporte e o apoio dos docentes aos enfermeiros assistenciais observamos significativa importância, tanto para os próprios enfermeiros, como também para os alunos, que sentirão no decorrer do estágio o reflexo da segurança do enfermeiro que o acompanha.

Ao planejar o ensino, o docente deve considerar que os elementos envolvidos são pessoas ou grupos. Por isso, necessita pensar, seriamente, com responsabilidade e habilidade, sobre sua ação, a fim de que sua interferência no

processo de ensino aprendizagem seja eficaz (Nimtz, 1999). Assim, percebemos a importância da orientação de todos os envolvidos no processo de aprendizagem para que o resultado esperado seja alcançado com êxito.

Dos discursos, emergiram depoimentos (E3, E4) que relataram um aspecto importante que dificulta no desenvolvimento do trabalho do enfermeiro que é a ausência dos alunos na passagem de plantão inicial da equipe de enfermagem do plantão anterior.

Os enfermeiros relatam o fato dos alunos não acompanhar na passagem de plantão, isso faz com que eles não vivenciem todo o processo de trabalho da equipe de enfermagem e da dinâmica do setor, sendo necessário o profissional dispor um tempo para repassar o plantão que recebeu para que não prejudique os cuidados e a assistência que o aluno prestará durante o período, como verificamos nos seguintes discursos: *“os alunos chegam após a passagem de plantão, então eu acho que eles ficam meio sem rumo”, “o aluno não pega o plantão junto com o enfermeiro, então isto é uma coisa que dificulta (...) ele não consegue acompanhar todo o processo de trabalho desde a hora que começa, (...) ele fica meio perdido, aí eu tenho que depois passar o plantão para o aluno”*.

Entendemos como a passagem de plantão, o momento pelo qual a equipe de enfermagem, repassa todas as intercorrências importantes que houve com o paciente, enfatizando o que é registrado no prontuário, informa sobre os problemas administrativos do plantão para a equipe que irá assumir os cuidados dos pacientes, portanto, é o momento de suma importância para a continuidade dos cuidados de enfermagem ao paciente e andamento das atividades do setor.

Consideramos estes discursos relevantes, pois para que haja um bom entendimento do processo de trabalho do enfermeiro é importante que o aluno participe e vivencie todo o decorrer do plantão, desde o seu início, porém acreditamos que este fato seja de difícil resolução, pois, muitas vezes, a instituição hospitalar e as instituições de ensino possuem horário e carga horária distintos e diferenciados.

O Quadro a seguir aborda sugestões para o desenvolvimento dos Estágios Curriculares realizados no hospital. Esta categoria trouxe contribuições dos

enfermeiros assistenciais relacionados aos aspectos que poderiam melhorar o desenvolvimento da disciplina do Estágio Curricular.

Quadro 8 – Sugestões para o desenvolvimento do Estágio Curricular no contexto hospitalar. São Paulo, 2005.

Informante	Depoimento	Síntese
<i>Entrevista 1</i> (E 1)	<i>“Minha sugestão é que nós tivéssemos reuniões juntamente com os professores antes do término do estágio eu acho que falta isso... reunião com os professores dos alunos e inclusive com os alunos, porque eu acho que deixar tudo pro final é muito ruim porque depois já passou né. Eu acho que está faltando esta interação do hospital com a escola, antes do término (...)”</i> .	- os enfermeiros terem reuniões com os professores e com os alunos antes do término do estágio;
<i>Entrevista 2</i> (E 2)	<i>“(...) A sugestão é o professor estar controlando o horário de chegada deste aluno, a pontualidade e assiduidade deste aluno e não deixar isto por conta do enfermeiro da unidade”</i> .	- professor controlar a assiduidade e a pontualidade do aluno.
<i>Entrevista 3</i> (E 3)	<i>“(...) o professor deveria pelo menos conversar mais com a gente a dificuldade do aluno (...) ele retornar mais vezes com a gente porque ele vem uma vez por semana com o aluno, né e com o enfermeiro até agora... (...) Que o aluno seja mais supervisionado, que tenha uma folha de controle de carga horária, de entrada e saída de estágio (...)”</i> .	- o professor conversar mais com o enfermeiro; - maior frequência de supervisão do aluno e retorno na unidade; - ter uma folha de controle de carga horária para registrar a entrada e saída do aluno.
<i>Entrevista 4</i> (E 4)	<i>“(...) o aluno estar pegando o plantão junto com o enfermeiro (...)”</i> .	- o aluno receber o plantão junto com o enfermeiro.
<i>Entrevista 5</i> (E 5)	<i>“(...) Eu sugiro que se nós pudéssemos ficar algumas horas extras fora do meu horário, mas acho que isso é impossível, não só por mim, mas por ela também, mas seria o ideal, se eu tivesse um tempo pra ela (...) esclarecendo todas as dúvidas, sem ninguém me chamando”</i> .	- o enfermeiro ter um tempo extra, fora do horário de serviço, para esclarecer as dúvidas do aluno.

<p>Entrevista 6 (E 6)</p>	<p><i>“(…) de ter antes a teoria e depois a prática do estágio, principalmente a UTI (…) Acho que também aumenta o seu trabalho, mas monetariamente não, só o diplominha, acho que estimularia mais o profissional se aumentasse um pouco o salário (…)”.</i></p>	<p>- o aluno ter a teoria antes da prática do setor onde fará o estágio; - o enfermeiro receber uma gratificação monetária por acompanhar o aluno em estágio.</p>
<p>Entrevista 7 (E 7)</p>	<p><i>“Acredito que deveria passar pelas enfermarias também eu acho que tanto pro pessoal que estão nas enfermarias quanto pro próprio aluno porque é bem diferente né, as emergências são aquelas coisas bem corridas, acho que seria válido eles saberem o outro lado”.</i></p>	<p>- o aluno passar também em outras unidades durante o estágio para conhecerem outras realidades.</p>
<p>Entrevista 8 (E 8)</p>	<p><i>“(…) Uma sugestão minha é deles estarem trabalhando a questão de projetos dentro do hospital, trabalhos científicos e assim por diante”.</i></p>	<p>- os alunos realizarem projetos e trabalhos científicos dentro do hospital.</p>
<p>Entrevista 9 (E 9)</p>	<p><i>“(…) se ele vai para uma unidade que ele não se adapta (…) e se ele tiver dificuldade ter a chance de trocar, a possibilidade de trocar porque se não ele só traz problema para o enfermeiro”.</i></p>	<p>- o aluno ter a chance de trocar o campo de estágio caso não se adapte ou tenha dificuldades.</p>
<p>Entrevista 10 (E 10)</p>	<p><i>“(…) poderia deixar para a Instituição, pro setor em si uma contribuição, do que foi pra ele este estágio, como ele percebeu este estágio, as dificuldades que ele teve o que poderia ser melhorado, né. De estar contribuindo com o setor também com um trabalho, com um trabalho pro setor, o que poderia ser melhorado no setor, e o que poderia ser feito para melhorar, na visão dele pela experiência que ele vivenciou no setor, o que pode ser feito com as problemáticas do setor, pq muitas vezes a gente não consegue enxergar (…) acho importante o graduando estar contribuindo com um trabalho para a Instituição uma vez que foi fornecido pra ele o campo de estágio, acho que seria bom ele estar deixando este trabalho pra Instituição”.</i></p>	<p>- o aluno deixar para a Instituição uma contribuição, um trabalho para o setor do que poderia ser melhorado;</p>

<p><i>Entrevista 11</i> (E 11)</p>	<p><i>“Ai, eu tava pensando nisso, mas eu acho que não. O desenvolvimento do aluno depende muito de nós, depende menos da faculdade, depende muito de mim enquanto enfermeiro e do aluno, o que ele tem que ter: presença, iniciativa e interesse, e o que eu preciso ter disposição em ensinar e orientar ele, então se as duas partes tiverem esses itens então não tem como dar errado”.</i></p>	<p>- não relatou sugestão.</p>
<p><i>Entrevista 12</i> (E 12)</p>	<p><i>“(…) programar discussões fixas e no mínimo uma vez por semana das patologias afins da unidade, discussão com o professor relacionado ao funcionamento e a estrutura da unidade, a qual este aluno ele vai opinar e trazer críticas e opiniões que sejam adequadas para o melhor funcionamento da unidade em si”.</i></p>	<p>- programar discussões periódicas com os alunos sobre as patologias e o funcionamento da unidade.</p>

Verificamos que os enfermeiros sugeriram diversas adequações relevantes para o desenvolvimento do Estágio Curricular no hospital.

Emergiram sugestões tais como: os professores controlarem a assiduidade e a pontualidade do aluno e não deixassem esta atribuição ao enfermeiro assistencial (E2), e que tivessem uma folha de controle de entrada e saída dos alunos em campo de estágio (E3). Acreditamos que esta sugestão seja pelo fato da falta de tempo disponível para o enfermeiro controlar a entrada e saída do aluno, uma vez que o profissional possui diversas atribuições na unidade.

Também sugeriram reunião com professores e alunos durante o estágio e não somente após a finalização do mesmo (E1); que o professor conversasse mais com o enfermeiro e tivesse um acompanhamento maior com o aluno, supervisionasse e retornasse mais frequentemente na unidade do estágio (E3). Percebemos, pelos depoimentos que os enfermeiros sentem a necessidade de maior contato e participação do docente responsável pela disciplina durante os estágios.

Um dos enfermeiros sugeriu que o aluno acompanhasse o processo da passagem de plantão com o enfermeiro da unidade (E4); outro que o enfermeiro tivesse um “tempo extra”, fora do horário de serviço para o aluno esclarecer suas dúvidas (E5). Verificamos também dois relatos onde os enfermeiros sugeriram que

os alunos deixassem uma contribuição para a Instituição em forma de projetos e pesquisas científicas (E8, E10).

Houve discurso que o enfermeiro sugeriu a possibilidade de troca de campo de estágio caso o aluno não se adaptasse ou tivesse dificuldades no local (E9). Em virtude da longa duração da disciplina e contato próximo com a equipe de enfermagem e equipe multiprofissional, é importante que o aluno tenha uma adaptação favorável, caso isto não ocorra poderá refletir de forma negativa no desenvolvimento técnico e pessoal do aluno de enfermagem.

Foi sugerido que fosse proporcionado ao aluno, antes da realização do estágio, um conhecimento teórico acerca das patologias mais frequentes e rotinas que poderiam encontrar no setor (E6); e que fosse programado discussões periódicas sobre patologias e rotinas da unidade com o docente responsável pela supervisão do aluno (E12).

De acordo com a Resolução COFEN nº. 299/2005 no artigo 5º: *“o estágio curricular supervisionado deverá ser efetivado com supervisão do enfermeiro e em unidades que tenham condições de proporcionar experiência prática na linha de formação, devendo o estudante, para este fim, estar apto ao estágio”*. Considerando esta resolução, entendemos que o aluno deve estar previamente orientado para realizar atividades propostas no estágio e que o campo da prática ofereça oportunidades para o desenvolvimento destas atividades.

Foi relatado em um depoimento, em que o enfermeiro (E6) sugeriu uma gratificação monetária ao profissional que acompanhasse o aluno em Estágio Curricular na unidade de trabalho, pois isto proporcionaria maior incentivo e satisfação no recebimento e acompanhamento deste aluno. É importante ressaltarmos que a Instituição, onde a pesquisa foi realizada é considerada hospital de ensino e os enfermeiros, durante o treinamento admissional são informados que receberão alunos de enfermagem e que faz parte de suas atribuições participar no processo de formação dos alunos de enfermagem, tanto em nível técnico como em nível superior, assim a remuneração salarial que o enfermeiro recebe é referente a todas as suas atribuições, inclusive o de participar nessa formação.

No quadro a seguir, discutiremos a percepção do enfermeiro em relação ao gostar ou não de receber alunos em sua unidade de trabalho e a questão do sentir-se preparado para acompanhá-los de acordo com a proposta desta disciplina.

Quadro 9. A percepção dos enfermeiros sobre o fato de gostar de receber os alunos em Estágio Curricular e a percepção sobre a sua preparação para acompanhá-los. São Paulo, 2005.

Informante	Você gosta de receber os estagiários?	Você se sente preparada?
<i>Entrevista 1</i> (E 1)	Sim	Sim
<i>Entrevista 2</i> (E 2)	Sim	Sim
<i>Entrevista 3</i> (E 3)	Sim	Sim
<i>Entrevista 4</i> (E 4)	Sim	Sim
<i>Entrevista 5</i> (E 5)	Sim	Não
<i>Entrevista 6</i> (E 6)	Sim	Sim
<i>Entrevista 7</i> (E 7)	Sim	Sim
<i>Entrevista 8</i> (E 8)	Sim	Sim
<i>Entrevista 9</i> (E 9)	Sim	Sim
<i>Entrevista 10</i> (E 10)	Sim	Sim
<i>Entrevista 11</i> (E 11)	Sim	Sim
<i>Entrevista 12</i> (E 12)	Sim	Sim

Constatamos que todos os enfermeiros afirmaram gostar de receber os alunos em Estágio Curricular. Consideramos estes relatos importantes, uma vez que é fundamental que o profissional goste de receber o aluno em estágio para que haja uma aceitação e boa recepção deste dentro da unidade e proporcione bom desenvolvimento e aprimoramento do aluno.

Sobre a questão do sentir-se preparado, verificamos um depoimento (E5) em que foi relatado que o enfermeiro não se sente preparado, todos os demais relataram preparo para participar na formação dos alunos de enfermagem.

Consideramos subjetiva a questão do sentir-se preparado ou não para acompanhar alunos em Estágio Curricular. Cada enfermeiro tem sua percepção sobre o assunto, ou seja, o fato do enfermeiro ter relatado sentir-se despreparado não significa que ele não tenha competência para tal atribuição.

Estas duas questões discutidas anteriormente são distintas, apesar de estarem inseridos no mesmo quadro, pois o fato de gostar de receber alunos, não necessariamente significa sentir-se preparado para recebê-los.

6. Considerações Finais

A intenção deste estudo foi conhecer e compreender alguns aspectos acerca da visão dos enfermeiros assistenciais sobre o desenvolvimento da disciplina Estágio Curricular realizado em sua unidade de trabalho pelos alunos de um curso de graduação em Enfermagem.

Para analisar e identificar a percepção dos enfermeiros assistenciais sobre os Estágios Curriculares, buscamos um resgate histórico da evolução do ensino de enfermagem no Brasil, a inserção e as características dos estágios nos currículos do curso de graduação em Enfermagem e também, introduzimos a questão do processo ensino–aprendizagem do aluno em campo de estágio no sentido de compreender os pressupostos educacionais que permeiam a formação do enfermeiro.

Na busca da compreensão da percepção dos enfermeiros assistenciais sobre os Estágios Curriculares, verificamos como este enfermeiro percebe o seu papel de educador na formação dos alunos de um curso de graduação em Enfermagem e analisamos a sua visão referente a alguns aspectos no desenvolvimento da disciplina em sua unidade de trabalho.

Na pesquisa ficou evidenciado que a maioria dos enfermeiros assistenciais assume o seu papel de educador e orientador na formação dos alunos e reconhecem a importância do enfermeiro em participar dos Estágios Curriculares realizados em sua unidade de trabalho, relatam a preocupação em transmitir sua experiência profissional, sua vivência de trabalho e demonstrar a prática da enfermagem, mostrar a atitude e o comportamento profissional do ser enfermeiro nas diversas situações vivenciadas no dia a dia.

Verificamos semelhança entre as considerações acima descritas com o resultado apresentado pela autora Amador (1991), que em seu estudo relata que as enfermeiras percebem o seu papel de educadora e orientadora como sendo muito importante no sentido de dar aos alunos uma visão real das necessidades dos pacientes e dos serviços de saúde. A mesma autora relata também, que os alunos reforçam a importância do enfermeiro assistencial no processo ensino–

aprendizagem nos estágios, pois o vêem como o profissional executor da prática da enfermagem.

No estudo, foi constatado que os enfermeiros enfatizam a importância de não só exercer o papel de enfermeiro assistencial, mas também ser referência de “educador, professor e orientador”, lembrando que o enfermeiro, respaldado pela Lei do Exercício Profissional de Enfermagem n. 7498/86 e também pelas Novas Diretrizes Curriculares, Resolução CNE/CES n.3 de 7/11/2001, é preparado, em sua formação, para exercer diversas funções entre elas: o planejamento e a gerência dos cuidados aos pacientes e da unidade de trabalho, a assistência direta aos pacientes sob sua responsabilidade e a prática do ensino na educação permanente.

Portanto, faz parte das atribuições do enfermeiro, tanto do campo assistencial como do ensino, contribuir para o aprendizado e aprimoramento, seja dos próprios profissionais que compõem a equipe de enfermagem, como também dos alunos que realizam estágios em seu local de trabalho.

Rodrigues (1995) e Backes (1999) enfatizam que a *“unidade hospitalar, juntamente com a equipe como um todo deve estar preparada para receber o acadêmico e responder a seus questionamentos”* e, também ciente de que *“com a institucionalização dos estágios curriculares, o enfermeiro assistencial passa a ter participação efetiva na formação do aluno”*.

Podemos verificar a importância do entrosamento e do entendimento entre o docente, o aluno e o enfermeiro assistencial, para que o Estágio Curricular possa alcançar os objetivos propostos para a formação de um enfermeiro crítico, reflexivo, habilitado e com competências para participar efetivamente no contexto da saúde do país.

Em relação à influência dos alunos em estágio, percebemos que a disciplina do Estágio Curricular além de oportunizar ao aluno a possibilidade de aprendizado e aperfeiçoamento dos ensinamentos adquiridos ao longo do curso, possibilita também o aperfeiçoamento e atualização dos profissionais de enfermagem atuantes no campo do estágio. Esta percepção é relatada pela maioria dos enfermeiros entrevistados, que explicitaram diversas contribuições

dos estagiários para os profissionais de enfermagem da unidade de trabalho no que se refere à introdução de novos conhecimentos, atualidades e troca de experiências.

Esse resultado corrobora com o estudo de Rodrigues (1995), o qual cita que *“a presença do acadêmico na instituição é positiva, porque possibilita o surgimento de novas idéias, favorece a troca de experiências entre a escola e a instituição hospitalar estimulando a atualização de conhecimentos”*.

No estudo de Backes (1999), foi identificado nos relatos das enfermeiras orientadoras que o *“aluno é visto como um motivador, alguém que lança desafio, é muito crítico, que traz coisas novas, que vem para somar e contribuir com a melhoria da qualidade da assistência prestada”*.

A mesma autora também acrescenta que, a experiência das enfermeiras com os alunos do Estágio Curricular trouxe contribuições muito interessantes, estimulando as mesmas a se capacitarem, se atualizarem e a reverem posturas e valores.

Ainda em relação à influência dos alunos, discursos apontaram a preocupação do enfermeiro com as características do aluno que estagia em sua unidade, pois acreditam que a influência positiva ou negativa do aluno dependerá significativamente de suas características, ou seja, caso o aluno não tenha interesse em aprender e aproveitar as oportunidades que o campo de estágio e profissionais de enfermagem oferecem e não demonstre iniciativa para o desenvolvimento das atividades, estes aspectos podem refletir de forma negativa para a unidade e para os profissionais de enfermagem atuantes no campo de estágio.

Segundo Fortes (2001), o aluno deve demonstrar interesse e ter consciência de ser o elemento-chave no seu próprio desenvolvimento no processo ensino-aprendizagem. Ninguém pode solidificar conhecimento e aprendizagem por outrem.

O autor acrescenta que, com seu interesse, não só o aluno é beneficiado como também, o campo do estágio e os pacientes que estão sob sua assistência.

Observamos também, que os enfermeiros assistenciais apontaram alguns fatores que facilitam e outros que dificultam o desenvolvimento de suas atividades diárias com a presença do estagiário e, novamente, foi apontada a questão da importância das características dos alunos.

Os enfermeiros relatam que as características do aluno são aspectos fundamentais no desenvolvimento do trabalho dos profissionais de enfermagem atuantes no campo de estágio.

Foi evidenciado no estudo, que dentre os fatores que facilitam o trabalho do enfermeiro, o profissional considera que o aluno auxilia no desenvolvimento da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), colabora na parte administrativa do setor, auxilia na previsão e provisão de recursos materiais, recursos humanos, na resolução de problemas e cuidados aos pacientes.

É importante que o enfermeiro responsável pelo setor oportunize o aprendizado do aluno, oferecendo e dividindo atribuições de sua competência com a finalidade de promover o desenvolvimento profissional do aluno.

Foi constatado que, em relação aos fatores que dificultam o trabalho do enfermeiro com a presença do aluno em Estágio Curricular, alguns entrevistados relataram não terem dificuldades, mas outros convergiram na questão da falta de tempo disponível do enfermeiro para orientar e acompanhar o aluno em estágio, agravando-se na questão da falta de funcionários no setor e excesso de pacientes para a assistência de enfermagem.

O contexto institucional e a realidade do serviço são fatores que têm significativa influência no que se refere ao acompanhamento e suporte do aluno em estágio pelo enfermeiro assistencial. Assim, entendemos que se o aluno tiver a percepção das dificuldades da unidade, se estiver envolvido com o setor e com os profissionais atuantes no campo e se estiver preparado para desenvolver atividades que cabem ao enfermeiro com habilidade e conhecimento técnico-científico, ele poderá auxiliar e contribuir efetivamente com as atividades dos profissionais do setor amenizando essas dificuldades.

Fortes (2001) enfatiza em seu estudo que a própria estrutura organizacional, a escassez de tempo e a sobrecarga de atividades, muitas vezes,

impossibilitam as enfermeiras assistenciais de serem facilitadoras do processo ensino-aprendizagem dos alunos, durante os estágios curriculares.

Ainda nos depoimentos referentes aos aspectos dificultadores, os enfermeiros expressam que se o aluno não tiver interesse, se for “desligado”, não tiver iniciativa acaba prejudicando o trabalho da equipe de enfermagem onde é realizado o estágio. Este resultado corrobora com a consideração realizada por Fortes (2001) que relata que apesar do estágio ser extremamente essencial para o processo ensino-aprendizagem, muitos alunos demonstram “desinteresse total” e chegam até a apresentar “desculpas” para não realizarem as atividades práticas que o campo e os profissionais oportunizam.

Os resultados desta pesquisa apontaram para a importância dada pelos enfermeiros sobre as características dos alunos, ou seja, a característica do aluno é fator significativo para considerar se o que ele faz contribui ou não para as atividades desenvolvidas pelo enfermeiro do setor onde se realiza o estágio.

Verificamos que em relação à estrutura do estágio, a maioria dos entrevistados relata que está “boa” e “bem organizada”. Salientam que a carga horária de maior duração quando comparada aos demais estágios, é adequada para o desenvolvimento na formação dos graduandos.

Alguns enfermeiros expressam a necessidade do docente estar mais presente e atuante no campo da prática, não somente preocupado com o desenvolvimento do aluno, mas também para fornecer orientações e apoio aos enfermeiros assistenciais que acompanham os alunos na unidade.

Em relação às sugestões sobre o que poderia ser feito para melhorar o Estágio Curricular desenvolvido no hospital, os enfermeiros sugerem diversas e importantes ações, entre elas: o controle da assiduidade e pontualidade pelo docente; reuniões mais frequentes entre os enfermeiros assistenciais, alunos e docentes; o aluno acompanhar todo o plantão iniciando e terminando com a passagem de plantão; o aluno contribuir com trabalhos científicos para a instituição; oportunizar a troca do local de estágio caso o aluno não se adapte e, até mesmo, o enfermeiro receber uma gratificação monetária pelo fato de acompanhar alunos em estágio.

Verificamos que as percepções relatadas pelos enfermeiros são diversificadas e acreditamos que algumas sugestões possam contribuir realmente para a melhoria dos estágios, mas outros dependem exclusivamente do contexto das instituições envolvidas, tanto a de ensino como a do campo de estágio.

É importante a constatação que obtivemos da satisfação manifestada pelos enfermeiros entrevistados em relação ao recebimento de alunos. Todos relataram gostar de receber os estagiários na disciplina do Estágio Curricular e apenas um enfermeiro relatou não estar devidamente preparado para participar na formação dos alunos de enfermagem.

Consideramos ser essencial o fato dos enfermeiros recepcionarem bem os alunos, pois grande parte do processo de aprendizagem deste aluno em estágio é proporcionado e oportunizado pelo profissional que atua no campo.

Através da busca e análise de referências teóricas, estudos realizados por diversos autores e pelos resultados obtidos na presente pesquisa, foi possível compreender que o desenvolvimento do Estágio Curricular é o momento de suma importância na formação do enfermeiro, e que se bem estruturado e bem conduzido, contando com a participação ativa de todos os atores envolvidos na formação do aluno e inter-relação efetiva das instituições de ensino e instituições prestadoras de serviços de saúde, o enfermeiro terá uma formação de perspectivas positivas para o mundo do trabalho.

Com a realização deste estudo, percebemos a importância do envolvimento de todos os atores (o docente, o aluno e o enfermeiro) participantes no processo de formação dos alunos de enfermagem no desenvolvimento da disciplina de Estágio Curricular, por acreditar que o enfermeiro assistencial é o profissional que permanecerá maior período com o aluno, tem uma participação importante no último semestre do curso e que por sua vez poderá ser o exemplo de profissionalismo e postura nas funções que permeiam as atividades do ser enfermeiro.

Esperamos ter colaborado para o desenvolvimento da disciplina e estimulado discussões e reflexões acerca do processo ensino-aprendizagem do

aluno do curso de graduação em enfermagem, especificamente em estágios desenvolvidos em âmbito hospitalar.

Mendes (1996) destaca, em seu estudo, que fica expresso o compromisso dos docentes e profissionais de campo, de ultrapassar a visão simplista e idealista da profissão, assumindo a compreensão dialética da realidade, que se reporta aos confrontos e conexões, às interdependências e interações, essenciais para entender as relações no seu processo de trabalho educativo, assistencial e de pesquisa, que ora se configura em práticas isoladas.

Sobre a disciplina Estágio Curricular, compreendemos que esta “nova” estratégia pedagógica de ensino proporciona ao enfermeiro assistencial maior participação no processo de formação do aluno de enfermagem, incentiva os profissionais a buscar novos conhecimentos e estreita a relação ensino/serviço, oportunizando ao aluno um ensino mais próximo da realidade do trabalho do enfermeiro.

Vale ressaltar que os enfermeiros assistenciais devem ser esclarecidos sobre as mudanças que vêm ocorrendo no ensino de enfermagem e sobre a importância da participação dos profissionais atuantes no campo da prática.

Fortes (2001) expressa que o planejamento do Estágio Curricular pode ser realizado juntamente com os enfermeiros assistenciais, pois assim, certamente, eles se sentirão co-responsáveis pelo processo de formação dos alunos de enfermagem.

O estudo mostrou a importância da interação que deve haver entre as instituições envolvidas e todos os participantes no processo de formação do enfermeiro para que o aluno seja um profissional dotado de conhecimentos requeridos para o exercício das competências e das habilidades gerais propostas pelas Novas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem.

Para o Serviço de Educação Continuada, que tem como uma das atribuições proporcionar o ensino e o aprimoramento tanto dos profissionais atuantes na instituição como também favorecer o aprendizado dos alunos de enfermagem, cabe incentivar, juntamente com os docentes responsáveis pela

disciplina e enfermeiros assistenciais, o estreitamento da relação inter-institucional, no sentido de minimizar o distanciamento entre a teoria e a prática.

Como enfermeira do Serviço de Educação Continuada e pesquisadora sobre o tema, acredito que ainda há muito a ser feito, muitos paradigmas a serem rompidos, muitos caminhos a serem percorridos para que a formação do enfermeiro esteja próxima à realidade exigida no mundo do trabalho, e que todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem tenham o mesmo objetivo de formar um profissional preparado para atuar no campo da enfermagem.

Terminamos este aprendizado considerando a necessidade de outros estudos, abordando os diversos aspectos dos estágios, pois foi constatado pouca literatura e estudos sobre o tema de significativa importância na formação dos enfermeiros.

7. Referências Bibliográficas

Amador MVP. Educação em enfermagem: uma análise etnográfica da colaboração serviços/escolas nos estágios clínicos. [tese]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1991.

Amantéa ML. Competências do professor no Estágio Curricular do Curso de Graduação de Enfermagem segundo a percepção dos próprios docentes. [tese]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 2004.

Andrade MN, Araújo LCA, Lins LCS. Estágio curricular: avaliação de experiência. Rev Bras Enferm 1989; 42(1):27-41.

Ângelo M. “Vivendo uma prova de fogo: as experiências iniciais da aluna de enfermagem”. [tese]. São Paulo (SP): Instituto de Psicologia da USP; 1989.

Ângelo M. Educação em enfermagem. Rev Esc Enferm USP 1994; 28(1):11-4.

Azevedo LMF. O estágio supervisionado: uma análise crítica. [dissertação]. Rio de Janeiro (RJ): Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; 1980.

Backes VMS. Estilo de pensamento e práxis na enfermagem: a contribuição do estágio pré-profissional. [tese]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 1999.

Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977.

Beccaria LM. Integração Docente – Assistencial em enfermagem: Compreensão do processo por diferentes atores do ensino e serviço. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP; 2002.

Bouso RS, Merighi MABM, Rolim MA, Riesco MLG, Angelo M. Estágio Curricular em Enfermagem: transição de identidades. Rev Esc Enferm USP 2000; 34(2):218-25.

Brasil. Lei n. 7.498, de 25 de junho de 1986. Dispões sobre a regulamentação do Exercício da Enfermagem e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 09 jun. 1987. Seção 1, p. 8.853-5.

Brasil. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27.833-41.

Buriolla MAF. O estágio supervisionado. São Paulo: Cortez; 1999.

Caldonha AM. O papel do enfermeiro na visão do cliente externo. [dissertação]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP; 1998.

Carvalho AM. Orientação e ensino de estudantes de enfermagem no campo clínico. [tese]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1972.

Cervo A L. Metodologia científica. São Paulo: Prentice Hall; 2002.

Chaves EC, Ferraz ER, Ishii S, Ciosak SI, Miyadahira AMK. Ensino de campo: sua importância na formação do enfermeiro. Rev Esc Enferm USP 1981; 15(2): 135-40.

Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 3/2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Diário Oficial da União [online]. Brasília, 09 nov. 2001. Seção 1, p. 37. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu>. (05 fev. 2003).

Conselho Federal de Enfermagem. Resolução COFEN 299/2005. Dispõe sobre indicativos para a realização de estágio curricular supervisionado de estudantes de enfermagem de graduação e do nível técnico da educação profissional. Conselho Regional de Enfermagem [online]. Rio de Janeiro, 16 mar. 2005. Disponível em: <http://www.corensp.or.br/resoluções/resoluções.html>. (10 abr. 2005).

Costa MLAS. Ensino de enfermagem no campo clínico: dificuldades relatadas por um grupo de professores. Acta Paul Enferm 1997; 10(3):55-61.

Cunha LS. Formação inicial do professor da educação básica: contribuições da teoria sobre o professor reflexivo no estágio supervisionado. [dissertação]. São Paulo (SP): Faculdade de Educação da USP; 2003.

Ewan CE. Teaching Nursing. A self instructional handbook. New York: Croom Helm; 1984.

Facó L. Estágio: uma experiência em administração escolar. Fortaleza: A Fortaleza; 1973.

Fávero N. O gerenciamento do enfermeiro na assistência ao paciente hospitalizado. [livre docência]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP; 1996.

Fernandes MS. A função do enfermeiro nos anos 90: réplica de um estudo. [dissertação]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP; 2000.

Ferrari CRS. Avaliação de um Curso Técnico de Enfermagem: um olhar dos egressos. [dissertação]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 2002.

Fortes AFA. Há falhas por parte de todos os atores: visão do enfermeiro assistencial sobre o estágio curricular supervisionado. [dissertação]. Belo Horizonte (MG): Escola de Enfermagem da UFMG; 2001.

Franqueiro JNV. Formação gerontológica em um Curso de Graduação em Enfermagem: análise curricular mediante as novas diretrizes da educação. [dissertação]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP; 2002.

Fuszard B. Innovative teaching strategies in nursing. Rockville: Aspen Publishers; 1989.

Gabrielli JMW. Formação do enfermeiro: buracos negros e pontos de luz. [tese] Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP; 2004.

Galleguillos TGB, Oliveira MAC. A gênese do desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. Rev Esc Enferm USP, 2001; 35(1):80-7.

Germano RM. Educação e ideologia da enfermagem no Brasil. São Paulo: Cortez; 1993.

Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas; 2002.

Gisi ML, Méier MJ, Muntsch SMA, Hamdar F. A relação ensino-serviço: estratégia de aproximação da formação acadêmica com o processo de trabalho em saúde. Cogitare Enferm 1998; 3(1):50-6.

Henry JM. Gaming: a teaching strategy to enhance adult learning. Contin Educ 1997; 28(5):231-4.

Lanthier MGC. O professor de enfermagem: atuação em campo clínico. [dissertação]. Salvador (BA): Universidade Federal da Bahia; 1983.

Lima MADS. Ensino de enfermagem: retrospectiva, situação atual e perspectivas. Rev Bras Enferm, 1994; 47(3):270-7.

Lima MSL. A hora da prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; 2001.

Magalhães LMT. O ensino superior em enfermagem e o desafio da mudança: os referenciais de um novo processo de formação. [tese]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 2000.

Manzolini MC. A psicologia em escolas de enfermagem: o ensino, a docência e a pesquisa. [livre docência]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP; 1980.

Marconi MA, Lakatos EM. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas; 2003.

Mendes MMR. O ensino de Graduação em Enfermagem no Brasil, entre 1972 e 1994: mudança de paradigma curricular? [tese]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP; 1996.

Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; 1993.

Minayo MCS, Deslandes SF, Neto OC, Gomes R. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 20ª ed. Petrópolis: Vozes; 2002.

Ministério da Educação e Cultura (MEC). Secretaria do Ensino Superior. Programa de Integração Docente-Assistencial – IDA. Brasília: MEC/SESU-CCS; 1981. (Cadernos da Ciência da Saúde, n.3).

Ministério da Educação e Cultura (MEC). Portaria n. 1.721, de 16 de dezembro de 1994. Currículo mínimo do Curso de Enfermagem. Diário Oficial da União, Brasília, 16 dez. 1994. Seção 1, p. 19.301-2.

Mucci I. Educação de adultos em estágio de enfermagem utilizando o diário do aluno: visão do estudante. [dissertação]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1999.

Nimtz MA. O ensino da disciplina de Administração em Enfermagem nas Escolas de Graduação da grande São Paulo. [dissertação]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1999.

Oguisso TA. A legislação do ensino de Graduação em Enfermagem. Rev Esc Enferm USP 1976; 10(2):202-18.

Ohl RIB. Ser despreparado X Ser profissional: a ambigüidade entre o perceber e o agir do professor de fundamentos de enfermagem frente as experiências do aluno de graduação no hospital. [dissertação]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1995.

Olschowsky A, Silva GBS. Integração Docente–Assistencial: um estudo de caso. Rev Esc Enferm USP, 2000; 34(2):128-37.

Piconez SCB, organizador. A prática de ensino e o estágio supervisionado. 7ª ed. Campinas: Papirus; 2001.

Polit DF, Hungler BP. Fundamentos de pesquisa em enfermagem. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.

Prado C. Ensino - aprendizagem da escala de coma de Glasgow: análise de duas técnicas em Enfermeiros do Serviço de Emergência. [dissertação]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 2001

Quinn FM. The principles and practice of nurse education. London: Chapman and Hall; 1988.

Rezende ALM. Saúde: dialética do pensar e do fazer. São Paulo: Cortez; 1986.

Rizzotto MLF. História da enfermagem e sua relação com a saúde pública. Goiânia: AB; 1999.

Rodrigues EN. Primeiro estágio curricular: relato de experiência. Rev Bras Enferm 1995; 48(4):436-43.

Rodrigues RM. Teoria e prática assistencial na enfermagem: o ensino e o mercado de trabalho. [dissertação]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP; 2000.

Rodrigues MSP. Estágio Curricular Supervisionado com ênfase no desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade. Texto Contexto Enferm. 2000; 9(3):216-29.

Roesch SMA. Projetos de estágios e de pesquisa em administração: guias para estágios, trabalhos de conclusão, dissertação e estudos de caso. São Paulo: Atlas; 1999.

Santos EF, Santos EB, Santana GO, Assis MF, Menezes RO. Legislação em enfermagem: atos normativos do exercício e do ensino de enfermagem. São Paulo: Atheneu; 1997.

Tetila ZF. Estágio supervisionado: diagnóstico de proposta de reformulação para os cursos do Centro Universitário de Dourados UFMS. [dissertação]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1984.

Trevizan MA, Mendes IAC, Nogueira MS. Definições teórica e operacional do conceito de papel do Enfermeiro. Rev. Gaúcha Enferm. 1987; 8(1):94-110.

Tronchin DMR, Silva MRB, Gualda DMR. O Enfermeiro Assistencial e a formação do aluno de graduação. In: Anais do 4º Encontro de Enfermeiros de Hospitais de Ensino do Estado de São Paulo; 1998; São Paulo. São Paulo: Hospital Universitário da USP; 1998. p.209-21.

Valsecchi EASS, Nogueira MS. Fundamentos de enfermagem: incidentes críticos relacionados à prestação de assistência em estágio supervisionado. Rev Lat Am Enferm 2002; 10(6):819-24.

Valente SMP. Do currículo às diretrizes curriculares. Olho mágico 1999; 5(20):6-7.

Zborowski IP. A Comissão de Ética de Enfermagem na visão do Enfermeiro. [dissertação]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP; 2003.

I. Caracterização dos sujeitos da pesquisa:

1. Idade: _____
2. Sexo: Feminino Masculino
3. Ano de formação em enfermagem (graduação): ____/____ (mês/ ano)
4. Início de atuação na Instituição como enfermeiro: ____/____ (mês/ ano)
5. Unidade de trabalho (onde acompanhou o estágio): _____
6. Realização de cursos de pós - graduação (concluídos):
 - não
 - Especialização Qual (is)? _____
 - Mestrado. Área? _____
 - outros _____
7. Você já exerceu ou exerce a atividade de docente em enfermagem vinculado em alguma instituição de ensino? sim não
 - 7.1. Se sim, em qual(is) situação (ões)?
 - acompanhamento e orientação de alunos de enfermagem em campo de estágio no nível técnico (para auxiliares e/ou técnicos de enfermagem);
 - em aula teórica para alunos de enfermagem em nível técnico (para auxiliares e/ou técnicos de enfermagem);
 - acompanhamento e orientação de alunos de enfermagem em campo de estágio em nível superior para graduação de enfermagem;
 - em aula teórica para alunos de enfermagem em nível superior para graduação de enfermagem;
8. Quantas vezes você recebeu alunos de graduação em enfermagem na sua unidade de trabalho nesta Instituição?
_____ vez (es)

II – Perguntas norteadoras

1. Como você percebe o seu papel como enfermeiro assistencial na formação dos alunos de graduação em enfermagem nos Estágios Curriculares?
2. E como você percebe a influência do aluno na unidade de trabalho onde ele realiza o Estágio Curricular?
3. Na sua percepção, quais fatores facilitam o desenvolvimento de suas atividades com a presença dos alunos em Estágio Curricular?
4. E, quais fatores dificultam o desenvolvimento de suas atividades com a presença do aluno em Estágio Curricular?
5. Como você percebe a estrutura da disciplina Estágio Curricular realizado em sua unidade de trabalho?
6. O que você sugere para o desenvolvimento do Estágio Curricular no contexto hospitalar?
7. Você gosta de receber os alunos em Estágio Curricular?
8. Você se sente preparado para acompanhar os alunos em Estágio Curricular?

Anexo IV - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado Enfermeiro(a),

Eu, Elaine Emi Ito, mestranda em Administração de Serviços de Enfermagem do Programa de Pós Graduação da Escola de Enfermagem da USP, estou realizando a pesquisa intitulada: “O Estágio Curricular segundo a percepção dos enfermeiros assistenciais de um hospital de ensino”. Este estudo tem como objetivo geral:

- Conhecer as percepções dos enfermeiros assistenciais de um hospital de ensino em relação ao Estágio Curricular desenvolvido em sua unidade de trabalho.

E como objetivos específicos:

- Conhecer a percepção dos enfermeiros assistenciais em relação ao seu papel na formação dos alunos em Estágio Curricular do Curso de Graduação em Enfermagem;
- Conhecer a influência que os alunos trazem para a unidade de trabalho onde se realiza o referido estágio;
- Identificar os fatores que facilitam e dificultam as atividades diárias do enfermeiro com a presença dos alunos em Estágio Curricular;
- Conhecer a percepção dos enfermeiros assistenciais em relação a estrutura do estágio e sugestões de aprimoramento para o desenvolvimento desta disciplina em ambiente hospitalar;
- Contribuir para o aprimoramento no desenvolvimento de Estágios Curriculares realizados em instituições de saúde.

Para tanto, solicitamos a sua colaboração no sentido de participação na entrevista que será gravada em fita cassete para uso exclusivo do estudo.

Não há necessidade de identificação, sendo garantido o seu anonimato e o sigilo das informações.

Sua participação é voluntária e não sofrerá qualquer tipo de prejuízo caso se recuse a participar desta pesquisa.

Agradecemos a sua atenção e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Concordo em participar da pesquisa acima referida:

Assinatura do participante

data: ____/____/____

Assinatura da pesquisadora
(COREN-SP: 88457)

e-mail: emi.ito@uol.com.br



Comitê de Ética em Pesquisa - CSSM

Rua Santa Marcelina, 177- CEP: 08270-070 - São Paulo - SP
Fone(011) 6170.6000 - 6524.8536 - Fax (11) 6524.7884
www.hospsantamarcelina.com.br - admsm@hospsantamarcelina.com.br

CEP nº 17/2004

São Paulo, 03 de junho de 2004

Ilmo(a). Sr(a).

Pesquisador(a): ELAINE EMI ITO

Ref.: Projeto de Pesquisa

“ESTÁGIO CURRICULAR NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM: PARTICIPAÇÃO DOS ENFERMEIROS DO SERVIÇO DE SAÚDE”.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Casa de Saúde Santa Marcelina analisou e aprovou o projeto acima.

Para tal aprovação foram seguidas as exigências das Resoluções Nacionais 196/96 e 251/97, relacionadas a pesquisas envolvendo seres humanos. No presente Projeto foram devidamente enfatizados itens que correspondem aos objetivos do Estudo e seu racional; antecedentes científicos justificáveis, adequação dos materiais e métodos; análise criteriosa dos riscos e benefícios; referência bibliográfica pertinente; responsabilidade do pesquisador na condução do Estudo, bem como a possibilidade de interrupção do estudo nos casos em que verifiquem riscos aos voluntários.

Também foi analisado e considerado **APROVADO** o respectivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido versão uma vez que o mesmo segue os padrões normativos, apresentando linguagem acessível ao voluntário do Estudo do Estudo.

Lembramos aos senhores pesquisadores que, no cumprimento da Resolução 251/97, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) deverá receber relatórios semestrais sobre o andamento do estudo, bem como a qualquer tempo e a critério do pesquisador nos casos de relevância, além do envio dos relatos de eventos adversos, para conhecimento deste Comitê. Salientamos ainda, a necessidade de relatório completo ao final do Estudo. Solicitamos que este CEP seja informado da inclusão do primeiro paciente.

Atenciosamente,

Dra. Giuseppina Raineri

Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa - CSSM

Anexo III – Autorização para Coleta de Dados

São Paulo, Setembro de 2004

Solicito autorização para o desenvolvimento do estudo intitulado “Percepção dos enfermeiros sobre estágios de graduação em enfermagem realizados em sua unidade de trabalho”, no mês de Setembro nesta Instituição.

A pesquisa tem como objetivos:

- Conhecer a percepção dos enfermeiros em relação ao seu papel na formação dos enfermeiros em estágios de graduação;
- Conhecer a percepção dos enfermeiros assistenciais em relação a contribuição dos alunos que estagiam em sua unidade de trabalho;
- Verificar os fatores facilitadores e dificultadores na percepção dos enfermeiros com a presença dos alunos em estágios de graduação em enfermagem na sua unidade de trabalho;
- Contribuir para o desenvolvimento de estágios nos serviços de enfermagem.

Os sujeitos da pesquisa serão constituídos por enfermeiros desta Instituição, que receberam alunos de graduação em estágios curriculares de enfermagem em sua unidade de trabalho.

A coleta de dados será realizada em período de férias da pesquisadora.

Solicito autorização para utilização das dependências do Hospital para a realização da pesquisa, sendo que os enfermeiros serão entrevistados em horário de serviço.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa desta Instituição em Agosto de 2004.

Segue em anexo o projeto de pesquisa.

Agradeço pela atenção,

Elaine Emi Ito
Pesquisadora Responsável

*Autorizada
Oplli
10/09/04*

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)